

D-ARTE

DARK HORSE

O CAVALO MANCO
QUE TROPEÇOU NO
PRÓPRIO ROTEIRO

CRÍTICA

Um épico sem alma.
Muito dinheiro,
pouca arte.
Um roteiro que
confunde propaganda
com cinema.

INVESTIGAÇÃO

Emendas, contratos,
laranjas e milhões
desviados.
A verdade que
o filme não mostra.

POLÍTICA

Atacaram a Lei Rouanet
durante anos.
Usaram dinheiro público
roubado para financiar
sua própria mitologia.



AWR

ALL WORLD ROOTS

TODAS AS RAÍZES DO MUNDO

CELEBRANDO A DIVERSIDADE CULTURAL





Pensamento Livre

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressões artísticas, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a arte e a Cultura brasileira. Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes; podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições. Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista, que apenas cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

Nossas Redes:

<https://www.instagram.com/dartelondrina/>

<https://www.facebook.com/>

Expediente:

Editor Chefe - Wilson Inacio

Jornalista responsável: Aldo Moraes

Marketing e Relações Públicas: Ronilson Rony

Projeto Gráfico e Diagramação: Wilson Inacio

ISBN - 978-65-999129-0-0

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Na foto, da direita para esquerda, Rony, Aldo e Wilson.
Londrina , 13/06/2026 - frase atribuída a cantora IZA

DARK HORSE — O cavalo manco que tropeçou no próprio roteiro

Por muito tempo, parte da direita brasileira escolheu a cultura como inimiga. Filmes viraram suspeitos. Artistas passaram a ser tratados como conspiradores fiscais. E então surgiu Dark Horse. O projeto nasceu cercado por ambição messiânica: criar uma obra internacional capaz de transformar Jair Bolsonaro em personagem histórico global. Mas o que começou como cinema terminou se tornando outra coisa: uma mistura desconfortável de propaganda, escândalo financeiro, vaidade política e delírio visual.

A principal defesa dos envolvidos foi imediata: ‘Não houve dinheiro da Lei Rouanet’. Mas a pergunta mudou rapidamente: de onde veio o dinheiro? Investigações apontam negociações milionárias envolvendo emendas parlamentares, contratos públicos e estruturas financeiras ligadas ao projeto. Talvez Dark Horse ainda consiga mobilizar militância e transformar escândalo em marketing. Mas existe algo que nenhum orçamento compra: densidade artística.

MUITO BARULHO, POUCA NARRATIVA

O roteiro parece construído por algoritmos de guerra cultural:

- frases prontas,
- heróis messiânicos,
- inimigos genéricos,
- patriotismo plástico,
- câmera lenta,
- música triunfal,
- e diálogos que soam menos humanos do que slogans de campanha.

Em vez de cinema, o espectador encontra uma sucessão de discursos embalados como trailer eleitoral permanente.

A obra não desenvolve personagens.

Ela fabrica ícones.

E ícones sem humanidade dificilmente sobrevivem fora da bolha ideológica que os criou.

O FILME QUE CONFUNDE PROPAGANDA COM CINEMA

Existe uma diferença brutal entre: cinema político e propaganda estética. Grandes obras políticas desafiam o público.

Criam desconforto.

Expõem contradições.

Humanizam até seus monstros.

Dark Horse faz o contrário.



Protege seu protagonista de qualquer complexidade dramática. Não há ambiguidades. Não há tensão moral. Não existe tragédia humana. Tudo parece organizado para reafirmar uma fé já pronta. E quando um roteiro abandona conflito verdadeiro para virar peça devocional, o cinema desaparece. Sobra apenas marketing ideológico com fotografia cara.

O ORÇAMENTO GIGANTE E A ESTÉTICA DE VIDEOCLIP POLÍTICO

Talvez o aspecto mais devastador da crise seja o contraste entre: os milhões envolvidos e a pobreza criativa percebida. Enquanto cineastas independentes brasileiros revolucionam linguagem com baixo orçamento, Dark Horse surge como um produto inflado: caro, barulhento, visualmente agressivo, mas artisticamente vazio.

Há cenas que parecem concebidas exclusivamente para: virar meme, corte de TikTok, reels militante, thumbnail de YouTube, ou GIF de WhatsApp político.

O problema é que viralização não substitui dramaturgia.

O CAVALO MANCO DA GUERRA CULTURAL

Durante anos, setores bolsonaristas acusaram artistas brasileiros de viverem de dinheiro público, chamando cineastas de “parasitas da Rouanet”. Agora, o próprio grupo político aparece associado ao projeto mais controverso financeiramente do audiovisual recente.

A ironia histórica é quase cinematográfica. Atacaram a cultura durante anos. E acabaram produzindo justamente aquilo que mais criticavam: um cinema dependente de relações políticas e sustentado por narrativa ideológica.

O TROPEÇO FINAL

Talvez Dark Horse ainda consiga público. Talvez mobilize militância. Talvez até transforme escândalo em marketing. Mas existe algo que nenhum orçamento compra:

densidade artística.

E é justamente aí que o cavalo manca. Porque no fim, o projeto parece incapaz de decidir se quer ser: obra de arte, culto político, propaganda internacional, ou fantasia messiânica.

Tentou ser tudo. E talvez tenha terminado sem conseguir ser plenamente nada.

O resultado é um filme que já entrou para a história antes mesmo de consolidar sua estreia. Não como revolução do cinema brasileiro. Mas como símbolo de uma época em que política, espetáculo e algoritmo passaram a disputar o lugar da própria arte.

E no meio dessa corrida delirante, o cavalo tropeçou no próprio roteiro.

DARK HORSE

O filme que ultrapassou a tela e mergulhou o Brasil em uma crise política, financeira e cultural

Por anos, setores da extrema direita brasileira atacaram artistas, produtores culturais e projetos financiados pela Lei Rouanet como símbolos de supostos “privilégios”, “mamatas” e “desvios”.

A narrativa era simples: a cultura seria um território dominado pela esquerda, sustentado artificialmente por dinheiro público.

Agora, ironicamente, um filme inspirado na trajetória de Jair Bolsonaro tornou-se o centro de uma investigação internacional sobre possível uso indireto de recursos públicos, emendas parlamentares, contratos milionários e suspeitas de desvio de verbas.

O nome do filme é Dark Horse. E a crise em torno dele já extrapolou o cinema.

O FILME MAIS POLÊMICO DO CINEMA BRASILEIRO RECENTE

A produção internacional estrelada por Jim Caviezel, dirigida por Cyrus Nowrasteh e ligada politicamente ao entorno bolsonarista, nasceu como uma cinebiografia épica. Mas rapidamente passou a ocupar outro papel:

o de possível símbolo de uma engrenagem opaca entre política, dinheiro privado, contratos públicos e influência ideológica.

Segundo reportagens publicadas por veículos como VEJA, The Intercept Brasil, UOL e TV Brasil, o projeto teria movimentado cifras extraordinárias para padrões do audiovisual brasileiro.

O VALOR QUE ASSUSTOU O MERCADO

As investigações apontam negociações que poderiam alcançar R\$ 134 milhões para financiar o longa. Parte desse valor — cerca de R\$ 61 milhões — já teria sido efetivamente transferida, segundo documentos e áudios revelados pela imprensa.

Para efeito de comparação:

- Parasita custou aproximadamente US\$ 11 milhões.
- Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo, cerca de US\$ 25 milhões.
- Diversos vencedores recentes do Oscar custaram menos do que os valores associados ao projeto brasileiro.

Mesmo dentro do cinema comercial brasileiro, os números chamaram atenção de produtores e sindicatos do setor. A presidente do Sindcine, Sonia Teresa Santana, descreveu os bastidores das filmagens como “precários”, contrariando a dimensão financeira atribuída ao projeto.

“NÃO TEM LEI ROUANET” — MAS O DINHEIRO É PÚBLICO?

A principal defesa dos envolvidos foi imediata: “Não houve dinheiro da Lei Rouanet.”

A frase foi repetida por aliados políticos e integrantes da produção. Tecnicamente, especialistas afirmam que o filme realmente não se enquadraria nas regras tradicionais da Lei Rouanet para um longa-metragem de ficção dessa natureza, pois, **A Lei Rouanet não financia a produção de longas-metragens. A legislação federal de incentivo à cultura permite captar recursos apenas para produções de curtas e médias-metragens, além de documentários.**

Mas a questão central mudou rapidamente. A pergunta deixou de ser: “Usou Rouanet?” E passou a ser: “O dinheiro empregado tinha origem pública indireta?”

O ELO COM EMENDAS PARLAMENTARES

O ministro Flávio Dino abriu investigação para apurar possível desvio de emendas parlamentares destinadas a entidades ligadas à produção do filme.

Segundo as denúncias apresentadas ao STF, haveria um “ecossistema de pessoas jurídicas interconectadas” que dificultaria a rastreabilidade do dinheiro.

No centro dessa rede aparece o nome de: Karina Ferreira Gama . Ela estaria associada tanto à produtora Go Up Entertainment quanto ao Instituto Conhecer Brasil, entidade que recebeu contratos públicos milionários.

O CONTRATO DE R\$ 108 MILHÕES

Um dos pontos mais explosivos da investigação envolve um contrato de aproximadamente R\$ 108 milhões firmado pela Prefeitura de São Paulo para fornecimento de internet Wi-Fi em comunidades de baixa renda.

O problema?

A entidade beneficiada estaria ligada às mesmas pessoas envolvidas no longa-metragem. A gestão municipal citada nas reportagens é a do prefeito: Ricardo Nunes . Até o momento, não há condenação judicial nem comprovação definitiva de desvio. As investigações ainda estão em andamento. Mas o caso já provocou um terremoto político.

FLÁVIO BOLSONARO, ÁUDIOS E O BANQUEIRO

Outro eixo da crise envolve o senador: Flávio Bolsonaro. Áudios divulgados pela imprensa mostram negociações entre ele e o banqueiro Daniel Vorcaro , sobre aportes milionários para o filme.

As reportagens afirmam que os recursos negociados teriam conexão com estruturas financeiras hoje investigadas. Flávio Bolsonaro nega irregularidades e afirma que não houve troca de favores nem uso ilegal de dinheiro público.

EDUARDO BOLSONARO E MÁRIO FRIAS

As investigações também atingem nomes importantes do bolsonarismo cultural: Eduardo Bolsonaro e Mário Frias, que é o autor da delirante e fantasiosa “história original”.

Segundo reportagens, Eduardo teria atuado como produtor-executivo do projeto. Já Mário Frias foi citado em investigações relacionadas a emendas parlamentares destinadas a organizações associadas ao filme.

A MAIOR CONTRADIÇÃO POLÍTICA DO CASO

Talvez o elemento mais simbólico da crise seja justamente a inversão narrativa.

Durante anos, setores bolsonaristas transformaram a Lei Rouanet em inimiga pública. Artistas foram perseguidos politicamente,

exposições canceladas e produtores culturais acusados de viver às custas do Estado. Agora, o discurso muda: “Não usamos Rouanet.”

Mas a discussão já não é mais sobre Rouanet. É sobre: contratos públicos, emendas parlamentares, fundos privados sob investigação, rastreabilidade financeira, e possível desvio de finalidade de recursos públicos.

A ironia histórica é inevitável.

O CINEMA COMO CAMPO DE GUERRA IDEOLÓGICA

Dark Horse talvez jamais consiga escapar da própria controvérsia. O filme deixou de ser apenas uma obra audiovisual. Transformou-se em: símbolo político, peça de propaganda, objeto jurídico, disputa narrativa e talvez o maior caso recente de interseção entre cinema, poder e dinheiro no Brasil.

A pergunta que fica não é apenas: “quem financiou o filme?”

Mas: o que acontece quando o audiovisual deixa de ser cultura e passa a operar como braço informal de projetos de poder?



Cinema & Arte Livre: artistas, processos e resistência para assistir de graça



ARTE, HISTÓRIA E GENIALIDADE

A arte não vive apenas nas galerias. Ela pulsa nas ruas, nos corpos, nas ideias e também no audiovisual.

Pensando nisso, a Revista D'arte inaugura a coluna Cinema & Arte Livre, uma curadoria dedicada a filmes e documentários sobre artistas que estão disponíveis gratuitamente na internet.

Mais do que entretenimento, essas obras revelam processos criativos, conflitos sociais, tensões políticas e o lugar da arte no mundo contemporâneo.

É um convite para assistir, refletir e, principalmente, criar.

A Revista D'arte reafirma seu compromisso com a democratização do acesso à arte e à cultura. Esta curadoria conecta artistas, estudantes e interessados a conteúdos relevantes, gratuitos e transformadores.

Revista D'arte
Arte, crítica e transformação social



Cinema & Arte Livre



Se Essa Rua Fosse Minha

Arte urbana, território e sobrevivência.

Assista: <https://www.youtube.com/watch?v=WrD-DgoQrTw>



2009 - Documentário - A Obra de Arte

A Obra de Arte (Brasil)

Série essencial para entender o processo criativo de grandes artistas brasileiros.

Assista: <https://www.youtube.com/watch?v=sl-IGGuhJMo>



Aracruz (ES) – Em meio a uma multidão de trajes coloridos e vibrantes, avista-se de longe um corpo de estatura baixa. Sua cabeça, adornada de um capacete repleto de penas nas cores cinza e branco, é como a de um pássaro. O bico alongado, costurado à mão com linha branca e pequenas franjas, e os olhos verdes sobressaltados chamam a atenção. Por baixo das penas, está a pessoa que sustenta o bicho: Mestra Marvão, de 56 anos, fazedora de cultura, artesã e guardiã de um grupo de Cordão de Pássaros Juninos em Salinópolis, no nordeste do Pará.

O pássaro ao qual ela dá corpo não é um pássaro qualquer. Marvão está vestida de Maçariquinho, uma ave pequena, de patas longas, considerada tímida e simpática, que vive nas regiões costeiras. É uma parte do próprio território expressada no corpo. Foi assim — expressando o lugar de origem no corpo — que os 870 agentes delegados e mais de 4.000 participantes estiveram presentes na 6ª Teia Nacional, em Aracruz, município com o maior número de territórios indígenas do Espírito Santo, que ocorreu de 18 a 24 de maio. O evento foi realizado pelo Ministério da Cultura.

Essa é a primeira vez que a mestra participa do evento, o maior encontro de pontos de cultura do país, retomado após 12 anos da última edição. Embora já atue na cultura popular há mais de três décadas, o processo de identificação como mestre, fazedora de cultura e agente da Cultura Viva, levou muitos anos. Seus olhos, por baixo dos olhos do Maçariquinho, contam mareados que a cultura popular transformou os rumos da sua vida. O trabalho com a tradição dos pássaros juninos, presente principalmente no Norte do País, mudou diferentes aspectos da sua vida e lhe auxiliou a sair de um contexto de violência doméstica.

Na carta oficial produzida como resultado do encontro, a palavra futuro estava em destaque. “O futuro não mora nas promessas das grandes corporações nem nos algoritmos que transformam a humanidade em dado comercial. O futuro dança nos terreiros, canta nas aldeias, pulsa nas periferias, navega nos rios e floresce nas mãos de quem cultiva a memória coletiva. O futuro é ancestral porque nasce da sabedoria de quem aprendeu, há séculos, a existir sem destruir a Terra”, diz o documento.



Para que esse futuro aconteça, o trabalho com a cultura popular, para mestres e mestras ouvidos pelo Nonada, nos dias de evento, envolve um fator em comum: a resiliência. “Após 22 anos de caminhada coletiva, ainda é preciso avançar a partir da escuta ativa dos que vivem a realidade na ponta, presentes neste encontro. Os encaminhamentos e propostas aqui apresentadas deverão ser norteadoras do desenvolvimento e implementação das futuras políticas públicas estruturantes de base comunitária.”, resume a carta. Por muitos anos, Mestra Marvão precisou lutar pela manutenção das atividades, muitas vezes não compreendidas pelas gestões municipais da cidade. Só que desistir não é uma palavra que costuma existir no vocabulário dos agentes da Cultura Viva, que costuram, tecem, recriam modos de fazer mesmo diante de contextos historicamente não favoráveis. “Quando você se integra e se joga na cultura popular, você não tem dinheiro. Você trabalha por amor”, declara a mestra com a voz embargada.

Ela destaca a importância das políticas recentes

de fomento, como a Lei Paulo Gustavo, que foram marcos para o estabelecimento da Associação. “Os pássaros, como eu falei, resgataram muitos de nós, porque nós éramos profissionais que estavam ali adormecidos. Foi através desses voos que a gente não desistiu dos nossos sonhos”, conta Marvão, que além de guardiã do grupo é também costureira e moldista.

Em seis dias de evento, uma programação extensa se desdobrou em diferentes espaços de Aracruz, sendo o SESC de Aracruz o local principal das programações. As frentes principais foram os momentos de articulação política nos fóruns, as apresentações artísticas e culturais e as vivências em territórios, como as noites culturais na Aldeia Irajá, do povo Tupiniquim. Os deslocamentos fizeram parte da estrutura de organização da 6ª Nacional: para vivenciá-la, não era possível permanecer no mesmo lugar. De forma simbólica, essa também é uma mensagem significativa dos caminhos apresentados pelos pontos de cultura do Brasil para pensar a justiça climática.



Mestra Marvão (Foto: Anna Ortega/Nonada)



Fazedoras de cultura carregam estandartes representando delegações de seus estados na Teia. À esquerda, Mestre Marcão, do Piauí. À Direita, Mestra Mirian do Cavalo-Marinho, da Paraíba. (Foto: Anna Ortega/Nonada)

O encontro foi um retrato da pluralidade da cultura popular tradicional e brasileira. Um dos momentos mais importantes da TEIA foi a realização do 5º Fórum Nacional de Pontos de Cultura, um momento que reuniu as delegações das 27 Unidades Federativas do Brasil. Cada delegação, escolhida a partir de fóruns estaduais que reuniram mais de 3.500 pontos de cultura, produziu um estandarte para o evento, um objeto que, mais do que um requisito, se tornou um símbolo da pluralidade de cultura de cada lugar e mesmo do Brasil. Os estandartes de cada estado mostravam histórias, instrumentos, expressões culturais típicas de cada região.

O emblema do Piauí trouxe em primeiro plano a imagem do Bumba meu Boi, do Caju, da Flecha de Oxóssi, ao lado de Nego Bispo, intelectual quilombola, que encantou em 2023. O encontro dos estandartes diferentes, coloridos, artesanalmente confeccionados, mostravam um Brasil feito à mão. O estandarte da Paraíba, feito em tecido acolchoado vermelho, expressava uma releitura da própria ave da identidade visual da TEIA, ao lado de instrumentos de percussão, peixes, e uma igreja azul com fitas coloridas.

A Teia mostrou também que a Cultura Viva tem um vocabulário próprio para falar do Brasil. Algumas palavras eram pronunciadas com alguma frequência como Gestão Compartilhada, Base Comunitária, Pontos de Memória e Bem Viver. O livro ABC Cultura Viva, elaborado pelo Ministério da Cultura e pelo Consórcio Universitário Cultura Viva, da UFBA, UFF e UFPR, que foi lançado no evento, reuniu alguns desses termos que norteiam a Política das culturas de bases comunitárias no Brasil.

Os vocábulos não servem apenas para pesquisadores, mas para as próprias comunidades envolvidas. O encontro foi um momento de reconhecimento, dos mestres poderem se encontrar, dos pontos de cultura serem certificados com placas de identificação, dos agentes culturais nomearem aquilo que já fazem há muito tempo. “Por incrível que pareça, eu estou entendendo agora o que significa mestre, o que significa Cultura Viva, porque a gente tinha know-how, mas não entendia”, conta Marvão. Segundo ela, quem produz cultura popular no país está contribuindo para a manutenção dos saberes e para a salvaguarda dos patrimônios

culturais.

“Nós trazemos os nossos netos, os nossos filhos, a comunidade, os jovens para dentro da cultura, mesmo quando muita gente tem vergonha. A gente está conseguindo conectar a comunidade com a nossa história, com o passado, o presente, com esse futuro que não nos pertence, mas se a gente não organizar ele, se esses mestres — que somos nós — não contarmos a história, a gente não vai conseguir levantar.”

O histórico da Teia

No ano de 2004, durante o primeiro governo Lula, o debate sobre direitos culturais no Brasil ganhou maior tração quando foi instituído o Programa Cultura Viva, atualmente a mais importante política de base comunitária do Brasil. O programa, que tem transformado a cultura em um pilar para a transformação social, contribuindo com o desenvolvimento econômico nacional, foi o responsável pela criação dos Pontos e Pontões de Cultura espalhados pelo país, espaços comunitários que promovem as culturas populares a partir dos territórios.

Naquele período, a ideia da criação de centros

culturais com o objetivo de democratizar o acesso à cultura já estava entre as metas do governo federal há algum tempo, mas de um jeito bem diferente. Esses centros, pensados enquanto equipamentos arquitetônicos, seriam lugares onde se concentrariam manifestações culturais e artísticas abertas à comunidade. Contudo, isso não aconteceria sem que houvesse um incentivo à articulação dos espaços situados nos territórios em que a promoção da cultura já acontecia, há muito tempo, com força e continuidade. E esses espaços eram muitos, com uma variedade múltipla de atividades e debates sobre a cultura.

Gilberto Gil, que à época estava à frente do Ministério da Cultura enquanto ministro, foi quem olhou para a cultura feita dentro dos territórios como um centro a ser incentivado, e não desarticulado. Conforme explica o sociólogo e Diretor da Política Nacional Cultural Viva (PNCV), João Pontes, a reflexão feita pelo ministério, na época, foi a de que, “ao invés então de construir os equipamentos, por que a gente não parte do princípio de que já existe, em cada território e em cada comunidade, grupos culturais que promovem o acesso da população aos bens e serviços culturais, que promovem a diversidade?”.



Espaço de articulação durante a Teia Nacional 2026 (Foto: Giba/MinC)



Programação artística durante a Teia Nacional 2026 (Foto: Gib/MinC)

É desse pensamento que surgiu o Programa Cultura Viva. Ainda em seu discurso de posse, em janeiro de 2003, o então ministro da cultura trouxe a ideia do do-in antropológico, uma metáfora que propunha o massameamento dos pontos vitais, porém momentaneamente adormecidos do corpo da cultura brasileira para destravar energias criativas e descentralizar as políticas públicas do setor. Na base desse do-in (técnica oriental milenar de automassagem), estão os Pontos de Cultura. No primeiro edital do MinC voltado ao programa, cerca de 100 pontos foram contemplados e receberam fomento para suas atividades.

“Eu diria que esses grupos [Pontos e Pontões de Cultura] estão fazendo um favor, porque eles estão cumprindo um direito do cidadão que é obrigação do Estado promover”, diz João. Para ele, um ponto de cultura está para o Sistema Nacional de Cultura (SNC) como um posto de saúde está para o SUS e como uma escola para o Sistema Nacional de Educação (SNE). “Só que a grande diferença é que, no caso da Cultura Viva, não são equipamentos públicos estatais, são os próprios grupos da sociedade civil executando a política pública”, completa.

Passados dois anos desde a criação do programa e da certificação da primeira leva de Pontos de

Cultura, é realizada, em 2006, 1ª Teia Nacional, no Pavilhão da Bienal, em São Paulo. Com cerca de 400 pontos presentes, o tema da primeira edição foi Venha ver e ser visto. A primeira edição foi motivada pela vontade de reunir as pessoas envolvidas no Programa Cultura Viva, para que pudessem se conhecer e ser reconhecidos. Ao final do evento, o sentimento geral era o de que deveria haver uma participação maior dos Pontos e Pontões de Cultura nas políticas públicas da área.

Em resposta a esse sentimento, no ano seguinte, a 2ª Teia, realizada em Belo Horizonte e com o tema Tudo de todos, sediou o 1º Fórum de Pontos de Cultura. Durante o Fórum, foi criada a Comissão Nacional dos Pontos de Cultura. “A Teia tem essa relevância política, seja do ponto de vista organizativo da rede, das suas representações, seja da política da afirmação das pautas”, destaca João.

Em 2008, em Brasília, o tema foi Iguais na diferença. Em 2010, realizada em Fortaleza, o tema foi Tambores digitais. Diversidade foi o tema da 5ª Teia Nacional, realizada em Natal. Depois dessa edição, levaria 12 anos até que o próximo encontro nacional da Cultura Viva acontecesse.

A passagem do tempo não implicou apenas na mudança dos temas das Teias, como também incidiu, através das movimentações e reivindicações dos Pontos de Cultura, em maiores investimentos na política de Cultura Viva. “A gente já chegou a quase um bilhão de reais nesses três anos de governo do presidente Lula, com a Ministra Margareth Menezes, que é incomparável a qualquer outro momento. Para se ter uma noção, nos primeiros dez anos da Cultura Viva, foram fomentadas 3.500 iniciativas de Pontos e Pontões de cultura. Nesses três anos, nós fomentamos mais de 23 mil, referentes a esses quase um bilhão de reais”, ressalta João.

A operação desse recurso nas 27 unidades federativas do país é possibilitada através da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB). Segundo o Diagnóstico Econômico Cultura Viva, oficialmente lançado no primeiro dia da 6ª Teia, a maior fonte de acesso a recursos para financiamento público de projetos e atividades culturais pelos Pontos e Pontões de Cultura vem

de editais municipais fomentados pela política.

Outro dado indicado pelo Diagnóstico é o de que apenas 5,2% desses grupos acessaram os recursos da Lei Rouanet entre março de 2023 e fevereiro de 2025, revelando a dificuldade de acesso ao recurso por parte dos agentes da Cultura Viva. Para João Pontes, as desigualdades, a elaboração de projetos e o contato com iniciativas privadas são os principais entraves para uma virada de chave nesse cenário.

“O prestígio social e econômico que um grupo cultural de base comunitária tem é diferente do que tem um grupo consolidado. Mas em termos de qualidade estética, certamente a gente [Cultura Viva] tem muita qualidade. Nós temos a necessidade de reestruturação dos mecanismos de fomento no Brasil. O incentivo fiscal ainda reproduz um modelo concentrador nas grandes cidades de Rio e São Paulo, e mesmo nelas, nos bairros onde estão os mercados financeiros, onde estão as grandes empresas”, contextualiza.



Encontros dos Pontos de Cultura Indígenas durante a Teia Nacional (Foto: Filipe Araújo/MinC)

Centro de articulação política

Nas salas e nos auditórios, as discussões tratavam do avanço e da consolidação das políticas da Cultura Viva nos diferentes setores e instâncias governamentais. Mariana Botelho é diretora da Associação Mucuri Cultural, ponto de cultura com 18 anos de atuação no Vale do Mucuri, Minas Gerais, e participou do Fórum dos Pontos de Cultura. Sua atuação é voltada aos contextos de territórios rurais e ao acesso de direitos culturais pelas populações do campo.

Ela participa ativamente da construção das políticas públicas no Estado, tendo integrado o Conselho Estadual de Política Cultural e a Comissão Mineira de Pontos de Cultura.

Uma das pautas que levou do seu território para o evento foi o contexto de escassez hídrica e de eventos climáticos extremos que vivem. Entre 2025 e 2026, ela participou da criação do Protocolo da Cultura, criada pelo Pontão Território Rurais e Cultura Alimentar, um documento que orienta os agentes em relação às mudanças climáticas e os desastres ambientais. Segundo Mariana, a retomada da Teia é fundamental para “desadormecer” a Política Cultura Viva. Contudo, a gestora critica a metodologia de condução do fórum, especificamente a não leitura e aprovação do regimento pela plenária, o que impediu discussões e aprimoramentos importantes sobre a política e a organização dos pontos de cultura. “Perdemos a oportunidade de pensar de modo coletivo essa revisão metodológica”, avalia.

“A discussão aqui é como ficará a Cultura Viva para os próximos 10 anos. Nós nos mantivemos a duras penas no território. Digo, a rede mineira, em particular, porque é a que estou mais próxima, mas foi uma rede que resistiu apesar da não incidência de políticas públicas”

Para Mariana, o aumento expressivo de pontos de cultura certificados, também torna necessário a revisão da própria lei. “O fato de passarmos de algumas centenas de pontos de cultura para 16 mil pontos não é pouca coisa. Isso tudo muda o perfil da rede, o modo como esses pontos são certificados, o modo como eles atuam”, reflete.

A formulação do Plano Nacional das Culturas dos Povos Indígenas também foi um dos

temas centrais da articulação política da Teia. O documento formulado durante três dias de GT reúne propostas e diretrizes debatidas para subsidiar o início de uma nova fase de discussão, com participação de órgãos do governo federal, ministérios e demais instituições envolvidas na formulação da política.

Nos debates, estiveram presentes diversas organizações, como o Comitê de Cultura do Acre, a Associação Xingu, a União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (Umiab), a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) e a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA).

Na Teia, aconteceu também a eleição de novos delegados estaduais e a aprovação da ampliação dos grupos temáticos da Comissão Nacional dos Pontos de Cultura (CNPdC), que passou de 22 para 25 GTs. Entre os segmentos aprovados estão Cultura e Infância, Internacionalização das Raízes Tradicionais, Matrizes Africanas e Capoeira. Um dos GTs acompanhados pelo Nonada foi o de Matrizes Africanas, em que representantes de diferentes tradições afro-religiosas debateram e articularem estratégias específicas para as distintas expressões culturais afro-brasileiras.

Na ocasião, Mãe Beth de Oxum reafirmou a importância de políticas específicas para os povos de terreiro ao ler uma carta escrita em conjunto durante o encontro. “Nós defendemos a presença estruturante dos povos de matriz africana no espaços de governança da Política Nacional Cultura Viva. Não reivindicamos presença episódica, ou simbólica.

Reivindicamos participação permanente, qualificada nos processos de formulação, implementação, monitoramento e avaliação das políticas públicas de cultura”, dizia o documento. Em outro momento, um desfile de moda reuniu representantes das matrizes africanas em círculo, em um dos palcos da Teia, mostrando como as indumentárias, os símbolos, as características de cada rito mudam de acordo com cada região. Lideranças do Candomblé, do Batuque, do Tambor de Mina, do Ifá, da Umbanda e de outras tradições, mostravam, mais uma vez, a pluralidade do Brasil.



Desfile de moda durante a Teia Nacional 2026 (Foto: Foto: Julia Faé/MinC)

Mestres: educadores do Brasil

Nos distintos prédios do SESC Praia Formosa, era possível encontrar dezenas de histórias de agentes da cultura que transformam seus próprios territórios.

Vestido com uma camiseta que estampava o logo do Ateliê de Tambores, Mestre Sagrilo promove a educação a partir da cultura popular e afro-brasileira desde antes da Lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino das culturas afro-brasileiras e africanas nas instituições de ensino básico.

No início dos anos 2000, ele criou o projeto Instrumentarte, no município de Serra, no Espírito Santo, com o intuito de levar instrumentos do Congo a crianças de 1 e 2 anos.

A invenção é uma característica dos mestres. Como método de aprendizagem para as crianças, Sagrilo também desenvolveu toadas que contam histórias do estado. A tradição das paneleiras do Espírito Santo viu música para ele ao transformar a história em versos: O barro do Molembá / Em Goiabeira vira panela, o barro do Molembá / Em Goiabeira vira panela / Nela fazemos buquê de carruze e pirão.

Em um exemplo, o Mestre retrata a vocação dos agentes culturais de ensinar: “Em uma música tem gastronomia, geografia e história”, destaca. Para ele, o fato de os mestres ensinarem as crianças colabora para que um conhecimento ancestral chegue nas famílias brasileiras “A criança repete, leva para casa, ensina os pais a cantar, explica de onde vem o barro, dá aula aula em casa. Essa é a ideia.”

O que começou com o Ensino Infantil, logo se expandiu para outras faixas etárias. Mestre Sagrilo começou, então, um projeto de levar mestres da cultura capixaba, da tradição das paneleiras e do Congo para ministrarem aulas nas escolas em Vitória.

Ele já havia participado de outras Teias, desde a segunda, em Belo Horizonte. Ele considera que hoje a principal reivindicação é uma qualidade de vida melhor aos mestres: “Precisamos ser mais ouvidos e valorizados.

Tem uns mestres não têm médico, plano de saúde. Precisamos cuidar mais dos nossos,

porque daqui a pouquinho estão todos morrendo, sem serem reconhecidos no momento.”

Ele defende que a valorização dos mestres tem um impacto real na vida dessas pessoas. Um exemplo é uma situação que aconteceu alguns anos atrás com um ele, depois de convidar o Mestre Reginaldo, mestre da banda de Congo Amores da Lua, para dar aulas em uma escola.

“Ele estava muito doente na época, acamado. Quando eu passei na casa dele, e convidei ele para passar lá na escola, ele imediatamente levantou. Ele durou mais 10 anos de vida. Esse foi um momento maravilhoso”, lembrou emocionado.

Se os delegados são aqueles que votam, discutem e decidem em nome de um grupo maior de pessoas, para o Mestre Dedé Veríssimo, de 77 anos, da tradição Boi Calemba Pintadinho, os mestres da cultura são também delegados, por natureza. Ele e seu grupo se apresentaram na programação da Teia reunindo dezenas de pessoas ao redor do grupo.

Os olhares e as expressões confirmavam um brilho no olhar.

Herdeiro de uma tradição de 123 anos, Mestre Dedé é a terceira geração de brincantes do Boi. Segundo ele, só se aprende a ser mestre da cultura popular com outro mestre.

“Eu não aprendi só. Eu aprendi porque o outro mestre passou a me ensinar”. O grupo viajou de ônibus do Rio Grande do Norte ao Espírito Santo para participar do evento.

“Nós temos muito carinho de ver o boi se apresentar. O boi é como a criança e o dono também é uma criança”, conta ele. “Me sinto feliz de ouvir o som da minha cidade aqui, da minha capital. Eu já andei em várias cidades para ter a capacidade de receber esse boi”, conta.

Há mais de 40 anos à frente do boi, o significado de ser mestre da cultura está na habilidade de comunicação com diferentes públicos.

“Se um mestre errar, as pessoas vão perguntar a faculdade que ele fez. Então, o mestre é a mesma coisa, tem que ensinar bem, com capricho.”



Mestra Nadir (Foto: Anna Ortega/Nonada)

Com o estandarte da Paraíba em mãos e as fitas da indumentária esvoaçando ao vento, a coroa de mestra do Cavalo-Marinho firme no topo da frente, Mestra Mirian desfila carisma e não disfarça a vontade de falar – e nem a de ser ouvida. O grupo único que tinha quando começou a atuar na expressão cultural típica do Sul da Paraíba e da Zona da Mata Norte de Pernambuco, já se multiplicou e hoje são nove. A continuidade do folguedo popular segue, circular.

“Há um começo, um meio e um começo de novo, porque a gente tem que estar sempre se renovando, se reestruturando para dar o melhor”, defende a mestra. Para ela, a magia do Cavalo-Marinho é entrar dentro do personagem mascarado que assume durante o espetáculo sincrético, que une tradições católicas, como a celebração do nascimento do menino Jesus; ancestralidades africanas, como a Umbanda; e vivências indígenas, representadas pela tradição da Jurema Sagrada.

Mestra Nadir Cruz, coordenadora do Boi da Floresta, do quilombo urbano de Liberdade, no Maranhão, também entende a importância das renovações. Com a sua indumentária e máscara de Cazumbá (figura mística e

folclórica do Bumba-meu-boi que se encarrega da espiritualidade e da limpeza energética do território) em mãos, a mestra explica que a expressão cultural, na comunidade onde atua, desempenha um papel importante na reintegração social de populações marginalizadas.

“O Boi da Floresta é um elemento de transformação, já que está localizado em uma periferia onde todas as mazelas sociais estão presentes. O Bumba-meu-boi é utilizado para a ressocialização de pessoas que estão com alguma dificuldade, seja neurológica ou emocional, seja pelo uso indevido de alguma coisa”, destaca.

Além do trabalho indireto enquanto assistência social, a expressão cultural também é uma fonte de economia para o território. Todo o trabalho de confecção das indumentárias e máscaras presentes na manifestação é feito à mão por artesãs e artesãos locais. “Isso é convertido em recurso financeiro para o artesão. É geração de trabalho e renda. É isso o que o Bumba-meu-boi ensina: os seus saberes, salvaguardando a tradição, mas também trabalhando e movimentando a economia local.”



GT Ruralidades durante a Teia Nacional (Foto: reprodução)

A busca por novos direitos

Um dos exemplos de mobilização política realizada nos dias da Teia foi a entrega e divulgação de uma carta-manifesto da delegação do Baixo Amazonas à ministra da Cultura, Margareth Menezes, com 17 reivindicações

voltadas ao fortalecimento das políticas culturais na região amazônica. A carta foi elaborada de forma coletiva durante o Tarrafa Cultural: Encontro de Pontos e Pontões de Cultura do Baixo Amazonas. O manifesto pede, entre outros pontos, a implementação do Fator Amazônia em todos os editais, o mapeamento de manifestações

culturais não urbanas na região do Baixo Amazonas, a instituição da Política Estadual Cultura Viva no Pará e a destinação de recursos dos Fundos de Adaptação e Mitigação Climática para iniciativas culturais.

Outra carta que circulou nos dias de evento, impressa em papel, foi a Carta de Mestres da Cultura Popular Tradicional Capixaba. O texto pedia por três ações, sintetizadas pelos organizadores de “RIR” — reconhecer, incluir e remunerar. O documento reforça a necessidade de aprovação da Lei dos Mestres, ainda em tramitação no Congresso Nacional.

A sustentabilidade também foi um dos temas principais de discussão entre Fóruns e GTS. Segundo Mariana Botelho, não há como refletir sobre a continuidade da política sem atualizar e garantir o bem viver daqueles que produzem cultura. “Os pontos de cultura estão em territórios em que não conseguimos captar como produtoras grandes. É importante que a política continue existindo e que a gente consiga garantir minimamente a existência dela dentro da estrutura”, defende.

No último dia da programação, um cortejo de diferentes artistas tomou as ruas de Santa Cruz, distrito de Aracruz. A rota foi curta: uma volta na quadra. O movimento, porém, foi grande e uma espécie de síntese dos seis dias do encontro: uma confluência de sons e de localidades. Na primeira fila do cortejo, saíram os Guerreiros do povo Tupiniquim. No meio, as bandas de Congo, as Ialorixás, os brincantes. Como diz Nego Bispo, referenciado em diversos momentos do encontro, “somos começo, meio e começo”. O sentimento da Teia foi esse: estar no meio do Brasil.

*A equipe do Nonada viajou a Aracruz a convite do Ministério da Cultura.

Alexandre Briozo Filho
É repórter do Nonada. Jornalista formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Venceu o prêmio MOL de Jornalismo para Solidariedade em 2025. Tem interesse por literatura, artes, fotografia e tudo o que se dedica ao registro da memória social.

Anna Ortega
Coordenadora de jornalismo do Nonada, é também artista visual. Tem especial interesse na

escuta e escrita de processos artísticos, da cultura popular e da defesa dos direitos humanos.

Fonte: <https://www.nonada.com.br/2026/06/um-brasil-feito-a-mao-milhares-de-pessoas-debatem-o-futuro-e-os-desafios-das-culturas-populares-na-teia-nacional/>

Normas para republicação: <https://www.nonada.com.br/republique/>

Fonte: <https://www.nonada.com.br/2026/06/um-brasil-feito-a-mao-milhares-de-pessoas-debatem-o-futuro-e-os-desafios-das-culturas-populares-na-teia-nacional/>

Normas para republicação: <https://www.nonada.com.br/republique/>



Pontos de Cultura comunitários promovem 1 milhão de ações em um ano

Pesquisa revelou o impacto da rede Cultura Viva no Brasil



© TOMAZ SILVA/AGÊNCIA BRASIL

Camila Boehm - Enviada especial da Agência Brasil

Publicado em 22/05/2026 - 08:20

Aracruz (ES)

Os Pontos de Cultura espalhados pelo país, que tem atuação de base comunitária e voltada para os territórios, promoveram cerca de 1 milhão de atividades culturais gratuitas em 2024, segundo estimativa divulgada pelo Ministério da Cultura (MinC).

Para custear a ampla oferta das atividades às comunidades, no entanto, há dificuldades no acesso a recursos. Sete em cada dez pontos tiveram receita anual de até R\$ 50 mil, e 26% não tiveram receita alguma.

As informações tem como base o Diagnóstico Econômico da Cultura Viva, realizado pela pasta em parceria com o Consórcio Universitário Cultura Viva (UFBA-UFF-UFPR). O estudo traz também apontamentos sobre os impactos da política cultural de base comunitária no país e os

obstáculos que ainda enfrenta.

O levantamento estimou ainda que as ações promovidas pelas unidades atendem a cerca de 3 milhões de pessoas por mês.

Os Pontos de Cultura espalhados pelo país, que tem atuação de base comunitária e voltada para os territórios, promoveram cerca de 1 milhão de atividades culturais gratuitas em 2024, segundo estimativa divulgada pelo Ministério da Cultura (MinC).

Para custear a ampla oferta das atividades às comunidades, no entanto, há dificuldades no acesso a recursos. Sete em cada dez pontos tiveram receita anual de até R\$ 50 mil, e 26% não tiveram receita alguma.

As informações tem como base o Diagnóstico Econômico da Cultura Viva, realizado pela pasta em parceria com o Consórcio Universitário Cultura Viva (UFBA-UFF-UFPR). O estudo traz também apontamentos sobre os impactos da política cultural de base comunitária no país e os obstáculos que ainda enfrenta.

O levantamento estimou ainda que as ações promovidas pelas unidades atendem a cerca de 3 milhões de pessoas por mês.



A dignidade do cotidiano

Por Paulo Nassar, professor da Escola de Comunicações e Artes da USP

Post category: Paulo Nassar

<https://jornal.usp.br/?p=1005569>

06/05/2026 - Publicado há 1 mês

Vivemos sob o império de uma estranha pedagogia da postergação. Aprendemos, desde cedo, a deslocar o sentido da vida para adiante: para a próxima conquista, o próximo cargo, a próxima viagem, o próximo reconhecimento, a próxima etapa. Como se o valor da existência estivesse sempre alojado em um futuro idealizado, e jamais plenamente disponível no presente vivido. Esse movimento produziu uma das marcas silenciosas de nosso tempo: a banalização do cotidiano.

O cotidiano passou a ser percebido como o reino do repetitivo, do menor, do sem importância. O espaço das rotinas, dos pequenos gestos, dos vínculos ordinários e dos rituais quase invisíveis foi sendo simbolicamente empobrecido.

Como se a vida “verdadeira” estivesse em outro lugar, no extraordinário, no evento, no ápice. Mas talvez essa seja uma das grandes ilusões da modernidade.

Foi o psiquiatra e filósofo Viktor Frankl (1905–1997) quem falou, com rara precisão, em uma “metafísica do cotidiano”, sugerindo que o aparentemente banal não é desprovido de profundidade. Ao contrário: é no cotidiano que se dá, permanentemente, o encontro entre o finito e o infinito. A formulação é poderosa.

Essa ideia adquire espessura singular quando lembramos que Frankl a formulou como sobrevivente do Holocausto, após ter sido deportado para campos de concentração ligados a Auschwitz e Dachau, tendo perdido seus pais, seu irmão e sua esposa.

Quando fala da dignidade do cotidiano, Frankl não fala desde a abstração, mas desde a experiência extrema da destruição e da sobrevivência.

Ela nos convida a reconhecer que o infinito não é apenas um tema da transcendência abstrata, nem uma promessa deslocada para além do mundo vivido. Ele se inscreve, discretamente, na temporalidade concreta das práticas ordinárias: no cuidado, na responsabilidade, na palavra empenhada, na memória partilhada, no trabalho silencioso, na atenção dedicada ao outro.

O extraordinário, sob essa perspectiva, não se opõe ao ordinário. Ele pode estar escondido nele. Mas talvez seja preciso acrescentar, especialmente em tempos como os nossos, que a presentificação do cotidiano, isto é, a capacidade de estar plenamente presente na espessura do vivido, é também um ensinamento. E talvez um dos mais importantes que um professor possa transmitir aos seus alunos.

Num mundo marcado pela velocidade, pela ansiedade dos resultados de curto prazo, pela tirania do desempenho e pelos regimes de dispersão produzidos pelas redes sociais, muitos estudantes chegam às salas de aula capturados por temporalidades fragmentadas.

Vivem pressionados pelo que vem depois, pelo próximo passo, pela próxima entrega, pelo próximo sinal de reconhecimento.

Perdem, muitas vezes, a experiência do agora. Ensinar, nesse contexto, não é apenas transmitir conteúdos. É também reeducar a atenção. É ensinar que pensar exige duração.

Que a experiência exige presença. Que a formação não se faz apenas por metas, mas por maturação.

E que o sentido não se revela apenas em grandes feitos, mas na dignificação das práticas ordinárias, inclusive as do estudo, da escuta, da leitura, da conversa, da pesquisa, do silêncio.

Talvez poucos ensinamentos sejam hoje tão urgentes quanto este: devolver aos alunos a consciência de que a vida não acontece apenas nos grandes acontecimentos, nem apenas no futuro projetado, nem na vertigem dos fluxos digitais, mas também, e decisivamente, no cotidiano vivido com atenção e com paciência.

Aqui, porém, a intuição filosófica encontra respaldo empírico. Um estudo experimental, intitulado Short-Form Videos Degrade Our Capacity to Retain Intentions, apresentado na conferência ACM CHI 2023 (Conference on Human Factors in Computing Systems), em Hamburgo, por pesquisadores vinculados à Ludwig-Maximilians-Universität München, mostrou que o consumo de vídeos curtos degradou significativamente a memória prospectiva dos participantes, isto é, a capacidade de sustentar intenções no tempo.

Uma meta-análise conduzida por Lan Nguyen e colaboradores, da Griffith University, publicada em 2025 no periódico Psychological Bulletin, baseada em 71 levantamentos e mais de 98 mil participantes, apontou associação consistente entre consumo intenso de plataformas de vídeos curtos e enfraquecimento da atenção sustentada.

Essas pesquisas não descrevem apenas distração; sugerem uma crise da duração, precisamente um dos elementos sem os quais não há experiência profunda, nem pensamento elaborado, nem relação consistente com o presente.

Esses dados recolocam, de modo agudo, uma questão pedagógica: se as plataformas educam para a fragmentação, a universidade e, mais amplamente, outras organizações formadoras e mediadoras da vida social não deveriam educar para a duração?

Há aí, inclusive, uma dimensão ética da docência. Transmitir a importância do cotidiano é ensinar resistência diante de um tempo que banaliza a presença. É ensinar a reconhecer espessura onde o mundo vê apenas rotina.

É ensinar a perceber que o finito (uma aula, uma conversa, um gesto, um dia comum) pode conter experiências do infinito.

Henri Lefebvre nos lembraria que é na vida cotidiana que se reproduzem, mas também podem se transformar, as estruturas do mundo social. Há, portanto, uma dimensão civilizatória em recolocar o cotidiano no centro.

Talvez o sentido da vida não esteja em escapar do ordinário, mas em dignificá-lo. Dignificar o cotidiano é reconhecer espessura no aparentemente simples. É compreender

que responder a uma mensagem com cuidado, preparar uma refeição, escutar alguém, atravessar honestamente um dia de trabalho, ensinar uma aula, cultivar uma memória, cuidar de um idoso, cuidar de uma criança, cultivar um jardim, proteger um animal, manter um compromisso, arrumar a casa, nada disso é menor.

Tudo isso pode ser expressão de sentido.

Num tempo marcado por aceleração e por narrativas que sequestram o presente em nome de futuros sempre adiados, recuperar a dignidade do cotidiano é também um gesto de resistência.

Porque talvez a vida não esteja esperando para começar. Ela está acontecendo agora. E talvez o lugar mais profundo em que o finito encontra o infinito não esteja nos grandes acontecimentos, mas precisamente nesse território tantas vezes negligenciado, o cotidiano.

(As opiniões expressas nos artigos publicados no Jornal da USP são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem opiniões do veículo nem posições institucionais da Universidade de São Paulo. Acesse aqui nossos parâmetros editoriais para artigos de opinião.)



Paulo Nassar/Divulgação

ENCONTRO CULTURAL COM CLAUDIA RAIA E JARBAS DE MELLO

Por Aldo Moraes



Foto: Aldo Moraes/Divulgação

Teatro Tobias Barreto



Por Aldo Moraes

Em Aracaju, para apresentar a peça *Menopausa*, a atriz e produtora Claudia Raia e o ator e diretor Jarbas de Mello promoveram um encontro com o setor artístico e cultural de Sergipe.

O bate papo com entrada franca, no teatro Tobias Barreto abordou o início das carreiras, a aposta num estilo brasileiro de musicais, a gestão cultural, técnicas teatrais e a importância da Lei Rouanet para a estruturação da cultura no Brasil.

Apresentado por Raquel Amado, diretora da Fundação de Arte e Cultura Aperipê/Funcap Sergipe, Claudia Raia e Jarbas de Mello foram formalmente apresentados à plateia do teatro.

O Teatro Tobias Barreto (TTB), localizado em Aracaju (SE), é o maior e mais moderno espaço cênico do Estado de Sergipe. Inaugurado em 17 de março de 2002, durante o aniversário da cidade, o complexo leva o nome do célebre poeta, filósofo e jurista sergipano Tobias Barreto de Menezes.

A casa desempenha um papel central na difusão de grandes produções nacionais, concertos e festivais regionais. Jarbas Homem de Mello é um consagrado ator, cantor, bailarino e diretor brasileiro. Ele é amplamente reconhecido como um dos maiores nomes do teatro musical no Brasil, com atuações em grandes produções

como *Cabaret*, *Cantando na Chuva*, *Os Miseráveis* e *O Fantasma da Ópera*. Na televisão, além de atuar em novelas, ele se destaca como apresentador de programas culturais na TV Cultura (como o *Cultura*, o *Musical* e o *Talentos*). Ele também é casado com a atriz Claudia Raia, com quem divide os palcos frequentemente e com quem teve o seu primeiro filho, Luca.

Nascida em Campinas/SP, Claudia Raia é uma renomada atriz, bailarina, cantora e produtora teatral brasileira, amplamente conhecida por seus grandes papéis em novelas de sucesso e por ser uma das principais estrelas de musicais no teatro nacional.

Estreou na televisão em 1984 com o apresentador Jô Soares e consolidou-se em novelas icônicas como *Roque Santeiro*, *Sassaricando*, *Torre de Babel*, *Belíssima* e *A Favorita*.

Jarbas abordou seu início em teatro amador no interior do Rio Grande do Sul, as várias etapas do aprendizado na produção de espetáculos, a ida para São Paulo e a descoberta dos musicais que envolvem a interação de interpretação, canto e dança.

Raia debateu com o ator, com a apresentadora Raquel e com o público sobre missão, renúncia, parcerias, busca de captação, televisão, cinema e defendeu a Lei Rouanet como fundamento



da política pública de cultura no Brasil além da seriedade em seus princípios e que obrigam responsabilidade por parte de quem a executa e patrocina.

Por fim, em resposta a uma indagação do público falaram sobre acessibilidade, momento em que Claudia Raia afirmou que o teatro é de todos e para todos.

E que as medidas de acessibilidade devem ser conscientizadas e ampliadas cada vez mais.

Participei do encontro como jornalista da Revista D'arte a convite do Coletivo Musical de Sergipe/ COMUS e concedi entrevista a TV Sergipe, afiliada da Rede Globo no estado.

Praticamente ignorado pelos meios de comunicação e difusão musical, o público infantil voltou-se para os jogos eletrônicos.

Mas a memória de um tempo em que os meios de comunicação concebiam a criança como ser criativo e velhas canções infantis ainda ecoam como sonhos perdidos em busca de um lugar. Quem não se lembra de: “O cravo brigou com a rosa, debaixo de uma sacada. O cravo saiu ferido e a rosa despedaçada” (folclórica) “Era uma casa muito engraçada. Não tinha teto, não tinha nada. Ninguém podia entrar nela não, porque a casa não tinha chão” (Vinicius de Moraes/Toquinho)

“Vem meu ursinho querido, meu companheirinho, ursinho pimpão. Vamos sonhar aventuras, voar nas alturas da imaginação” (T. Landa/T. Cruz e imortalizada pela turma do Balão Mágico)

São músicas de várias épocas e estilos em que a canção de roda, a valsa e ritmos mais modernos faziam parte do cotidiano de nossas crianças.

Pela TV ou rádio, podiam-se ouvir histórias e canções que extrapolavam o universo infantil e eram populares para todas as idades.

Atualmente a produção das rádios, TVs e a própria internet praticamente esqueceram que existe um público entre o jovem e o adulto e que houve um tempo no qual profissionais se dedicavam às crianças em trabalhos que demandavam suor e criatividade.

Os anos 70, por exemplo, levaram as crianças a bordo da nave mágica do “pó de pirlimpimpim” e junto com os moradores do Sítio do Pica Pau Amarelo, as rádios executavam canções de Guilherme Arantes, Paulo Leminski, Moraes Moreira, Ângela Rô Rô e Dori Caymmi baseadas na imortal obra de Monteiro Lobato.

A inserção de personagens como o Minotauro, a Cuca, o Saci e Peter Pan apresentavam referências da história grega e do folclore brasileiro às nossas crianças.

Nos anos 80 a criatividade do diretor Augusto César Vanucci trouxe a idéia dos Especiais Infantis como “Plunct Plact Zum” e “Arca de Noé”. Um roqueiro como Raul Seixas deu voz ao “Carimbador Maluco” que abria o programa e autorizava a viagem pelo espaço.

No norte do Paraná onde passei a infância, Tia Lucy apresentava ao vivo o programa que deu espaço a crianças para comunicação e interação com o público, sempre aos domingos. Era também um tempo em que a figura do palhaço era muito popular e o inesquecível Picolino era conhecido e amado pelas crianças.

Tudo que era feito na TV e no cinema como o Sítio, os Trapalhões, o Balão Mágico e os especiais infantis se transformavam em canções e discos que os pais podiam desfrutar junto com seus filhos.

As canções além do lazer são sempre temas de conversas para a educação social, cultural e ambiental em qualquer idade. A canção infantil tem o poder de mobilizar pais e educadores para uma conversa prazerosa e lúdica acerca de aspectos importantes da vida diária e do futuro a ser construído pelos pequenos.

No Brasil temos uma produção significativa voltada ao público infantil, mas que desde os anos 90 tem diminuído. Villa Lobos, Jorge Antunes, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque contribuíram bastante para o repertório infantil. Um grande destaque nas últimas décadas é o trabalho de Sandra Perez e Paulo Tatit com o grupo “Palavra Cantada” e que sempre tem a colaboração de Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes. É música infantil de alta qualidade para as crianças e papais de hoje em dia!



Pintura representando Tobias Barreto

Kesia Rodrigues



Meu Nordeste



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO



MINISTÉRIO DA
CULTURA



“Meu Nordeste”: Kesia Rodrigues lança EP autoral que celebra a tradição do forró

A cantora e produtora cultural Kesia Rodrigues apresenta ao público seu mais novo trabalho autoral, o EP “Meu Nordeste”, um projeto que nasce como um verdadeiro tributo à identidade, à memória afetiva e à força da cultura nordestina. Com lançamento marcado para o dia 23 de maio em todas as plataformas digitais, o EP chega em sintonia com o período junino, reforçando a conexão com uma das mais importantes manifestações culturais da região.

Com uma sonoridade que valoriza o forró tradicional, o trabalho mergulha nas raízes do gênero, preservando elementos que atravessam gerações e mantêm viva a essência do autêntico forró nordestino. Ao mesmo tempo, o repertório dialoga com o presente ao trazer nuances do forró romântico, criando uma experiência musical que convida tanto à dança quanto à escuta sensível.

O EP é composto por cinco faixas, incluindo a canção “Meu Nordeste”, já conhecida pelo público em parceria com João Araújo, além de quatro músicas inéditas. As composições e a produção musical foram construídas de forma colaborativa, reunindo parcerias com artistas e amigos, em

um processo criativo que fortalece os laços afetivos e artísticos presentes na trajetória da cantora.

Mais do que um lançamento musical, “Meu Nordeste” representa também a potência das políticas públicas de incentivo à cultura. O projeto foi viabilizado com recursos da Lei Paulo Gustavo, contando com o apoio da FUNCAP e do Governo de Sergipe, reafirmando a importância do investimento público para a continuidade e valorização da produção artística local. Com este trabalho, Kesia Rodrigues reafirma seu compromisso com a valorização da cultura nordestina, apresentando um EP que não apenas celebra o forró, mas também contribui para a manutenção e difusão de uma tradição que é patrimônio vivo do Brasil.



Artista que perdeu a visão aos 18 anos cria esculturas táteis com estética modernista

Com longa história de colaboração com a USP, artista plástico utiliza técnicas que combinam cerâmica, bronze e o uso do torno para criar esculturas táteis

Post category:Diversidade / Inclusão Social

<https://jornal.usp.br/?p=1007497>

Publicado: 22/05/2026 às 17:08



Foto: Arquivo pessoal/Rogério Ratão

A trajetória de Rogério Ratão na arte é marcada por uma transição profunda entre o visual e o tátil. Nascido em São Paulo em 1972, Rogério Ratão conviveu com baixa visão desde a infância devido a uma uveíte. Perdeu completamente a visão aos 18 anos, em decorrência de um descolamento de retina. A cegueira, no entanto, redirecionou sua atenção para as mãos, consolidando uma carreira que hoje se destaca pela fusão entre a estética modernista e a percepção sensorial.

Recentemente, o trabalho do artista plástico ganhou visibilidade na Faculdade de Odontologia (FO) da USP por meio do projeto Sentir para Conhecer, que transformou esculturas da Universidade em réplicas táteis, ampliando o acesso para pessoas com deficiência visual. O projeto foi coordenado pelo professor Paulo Eduardo Capel Cardoso, da FO, e pela professora Fabiana Lopes de Oliveira, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design (FAU). A iniciativa, que resultou em uma exposição que passou pelo prédio

da Reitoria e pela FO, também contou com a colaboração dos professores Fabiano Correa, da Escola Politécnica (Poli) da USP, Fábio Siviero, do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da USP, Renato Frosch, da Fatec, e Renata Tonelli, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Homem branco, calvo e sorridente usando camisa branca

Rogério Ratão – Foto: Arquivo pessoal

O estilo de Rogério Ratão é assumidamente influenciado pelo Modernismo do início do século 20, citando nomes como Victor Brecheret, Constantin Brancusi e Amadeo Modigliani. Suas peças buscam a simplificação e a geometrização da forma, características que as tornam instigantes tanto ao olhar quanto ao toque. Para o artista, a falta de visão influencia diretamente a escala de sua produção. Suas obras possuem dimensões que permitem a percepção do todo pelo toque, facilitando a compreensão volumétrica.



Foto: Arquivo pessoal/Rogério Ratão

“Eu quero que ela [a escultura] seja muito agradável ao olhar e instigante... Mas, ao mesmo tempo, ela tem que ser muito agradável ao toque”, diz o artista.

A construção da forma pelo tato

A formação artística de Rogério teve início logo após a perda da visão, sob a orientação do artista chileno

Martim, com quem estudou escultura de 1992 a 1996. Sua técnica envolve a modelagem em argila e a fundição em bronze, além de um domínio particular da cerâmica de alta temperatura.

Um diferencial em seu processo é o uso do torno como ferramenta escultórica. O artista utiliza o equipamento para levantar cilindros e formas ovais que, posteriormente, sofrem intervenções, recortes e modelagens manuais. “Eu poderia usar o torno como ferramenta para criar formas que pudessem depois se transformar em escultura”, explica o artista.

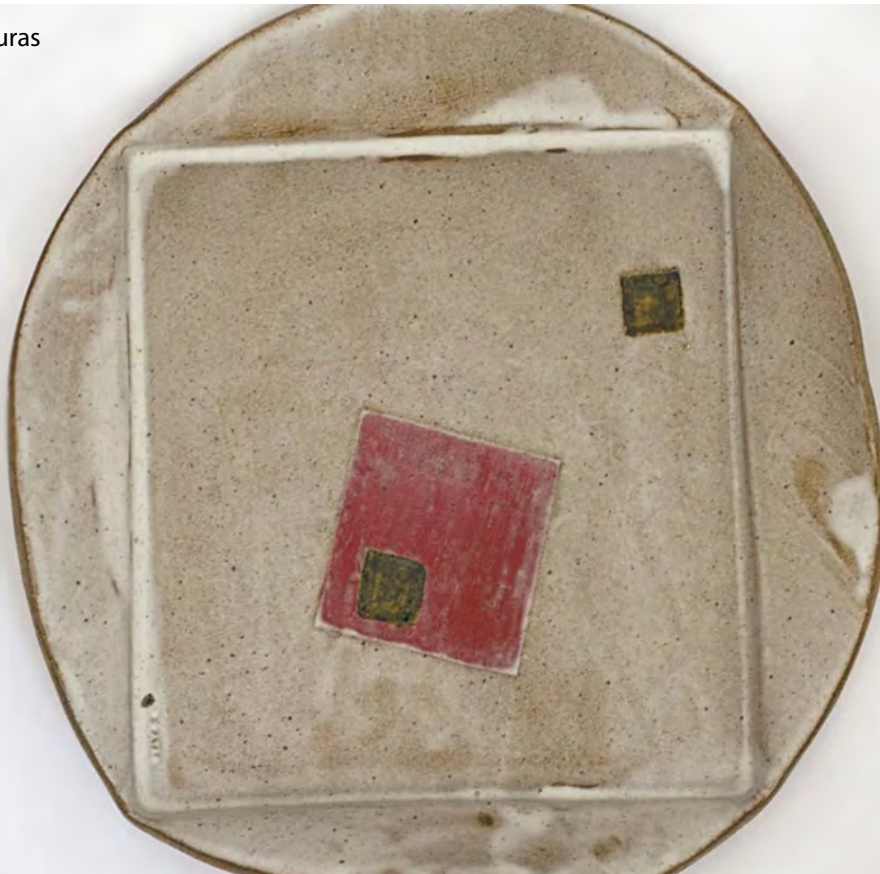
Entre suas principais criações, destacam-se:

Série Sinus: Inspirada na sinuosidade das formas curvas e no movimento, explorando concavidades que remetem ao corpo humano



Uma das esculturas da série Sinus, Sinus 4 – Foto: Arquivo pessoal/Rogério Ratão

Geo-Tipia 9, uma das esculturas dessa série – Foto: Arquivo pessoal/Rogério Ratão



Geo-Tipia: obras que utilizam a técnica de prensagem de discos de argila sobre espuma, criando formas únicas e a partir de um gesto de pressão.

Abstrações Cerâmicas: peças com perfurações geométricas que exploram os efeitos de luz, sombra e movimento



Abstração Cerâmica 13, uma das esculturas da série – Foto: Arquivo pessoal/Rogério Ratão

Colaboração com a USP

A colaboração de Rogério Ratão com a USP vem já de anos. Rogério atuou como professor no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) entre 2011 e 2024, no projeto Igual Diferente, que integra pessoas com e sem deficiência em cursos de arte. Ele também recebeu um convite para criar uma escultura permanente que será instalada em um jardim da FAU.

Para Rogério, a presença de suas obras no ambiente universitário carrega um posicionamento político sobre a capacidade de produção intelectual e

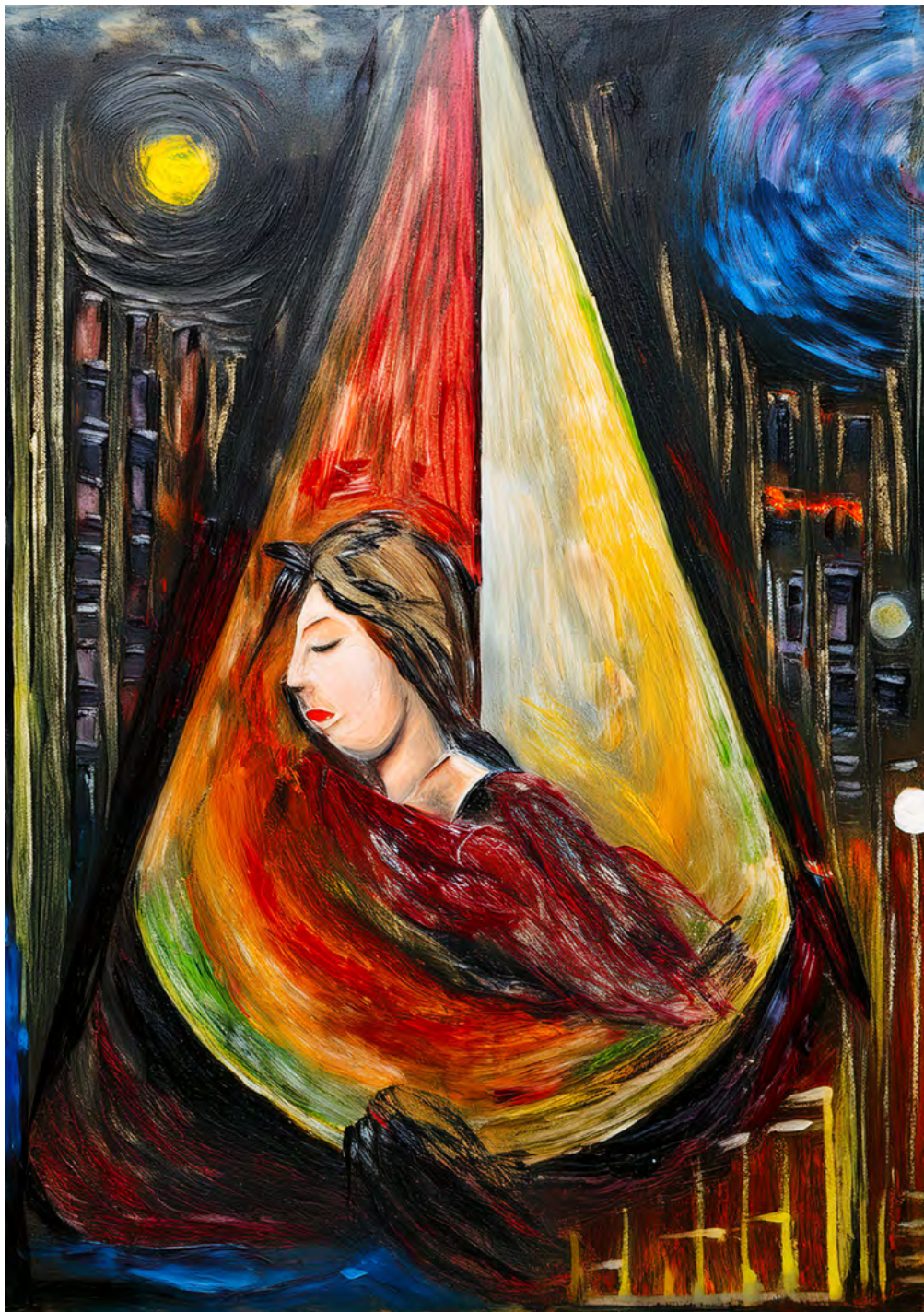
artística da pessoa com deficiência. “As pessoas cegas também produzem arte, podem fazer e pensar arte”, afirma, ressaltando que seu trabalho é um exemplo materializado de como o acesso pode abrir novos horizontes.

Texto: Théo Gouvêa Filizzola, com edição do Jornal da USP

Wilson Inácio



Série "Pendulo" 2026
Gravura Digital



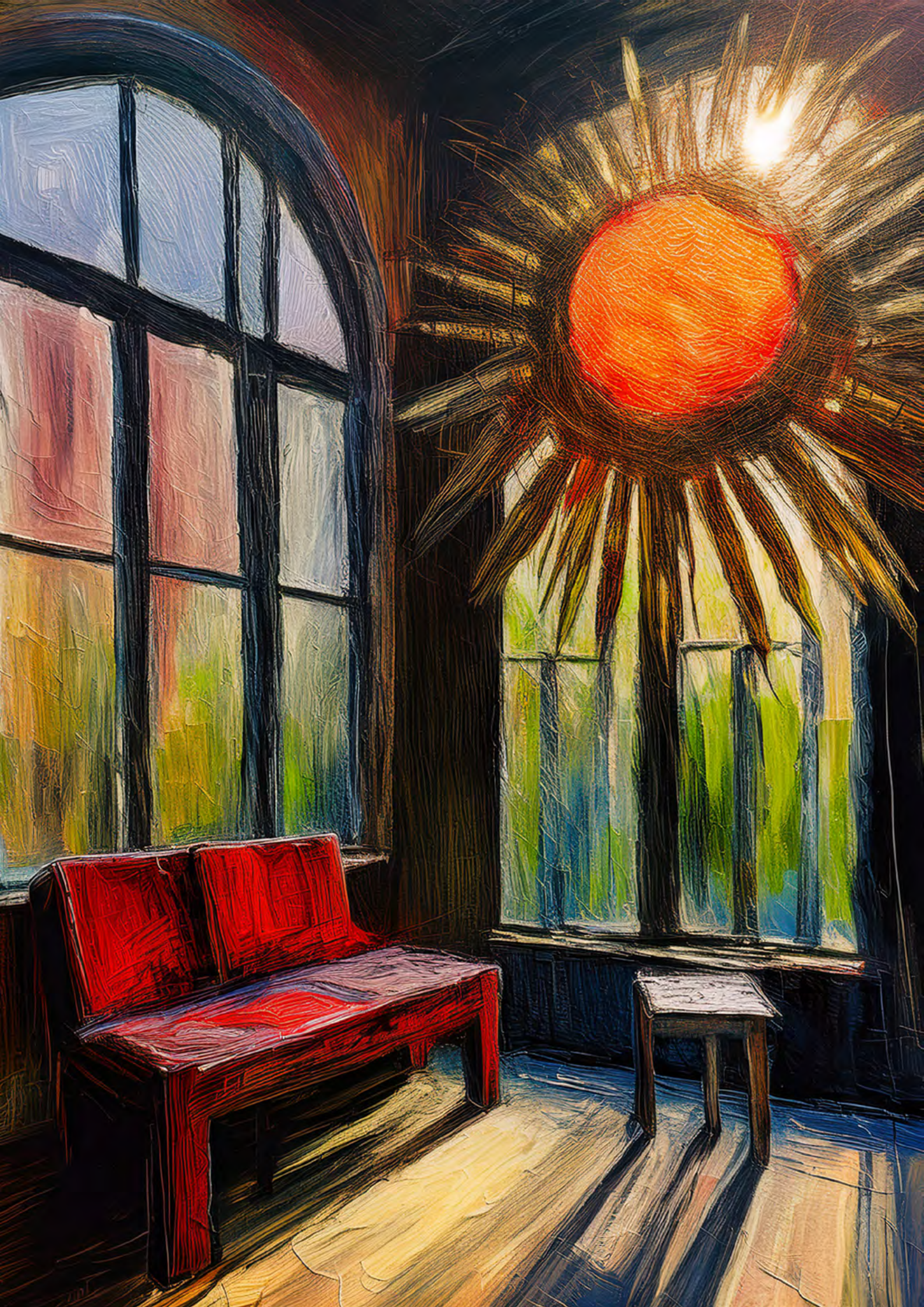
Série "Pendulo" 2026
Gravura Digital

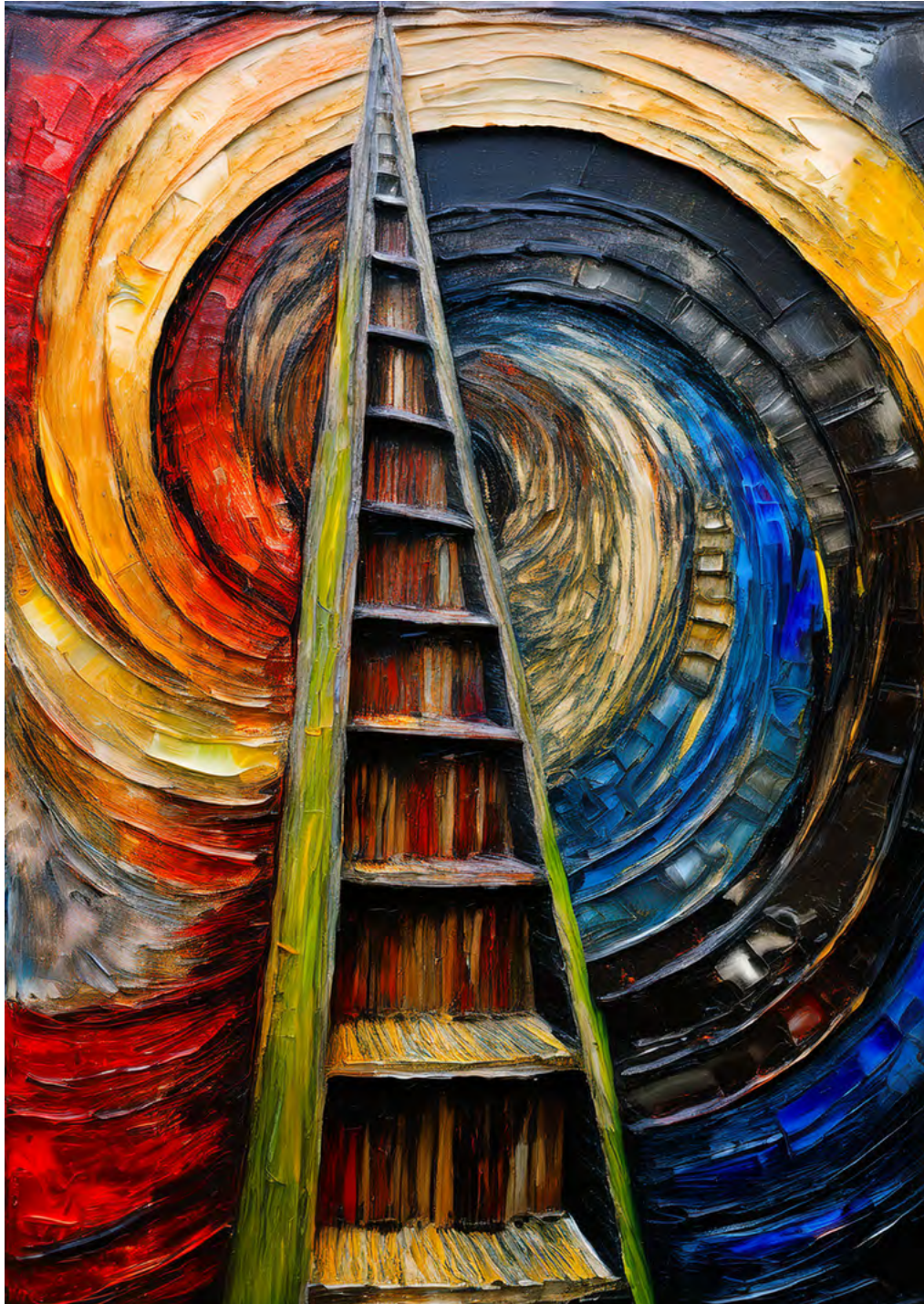






Gravura Digital
"A Catedral Invisível"

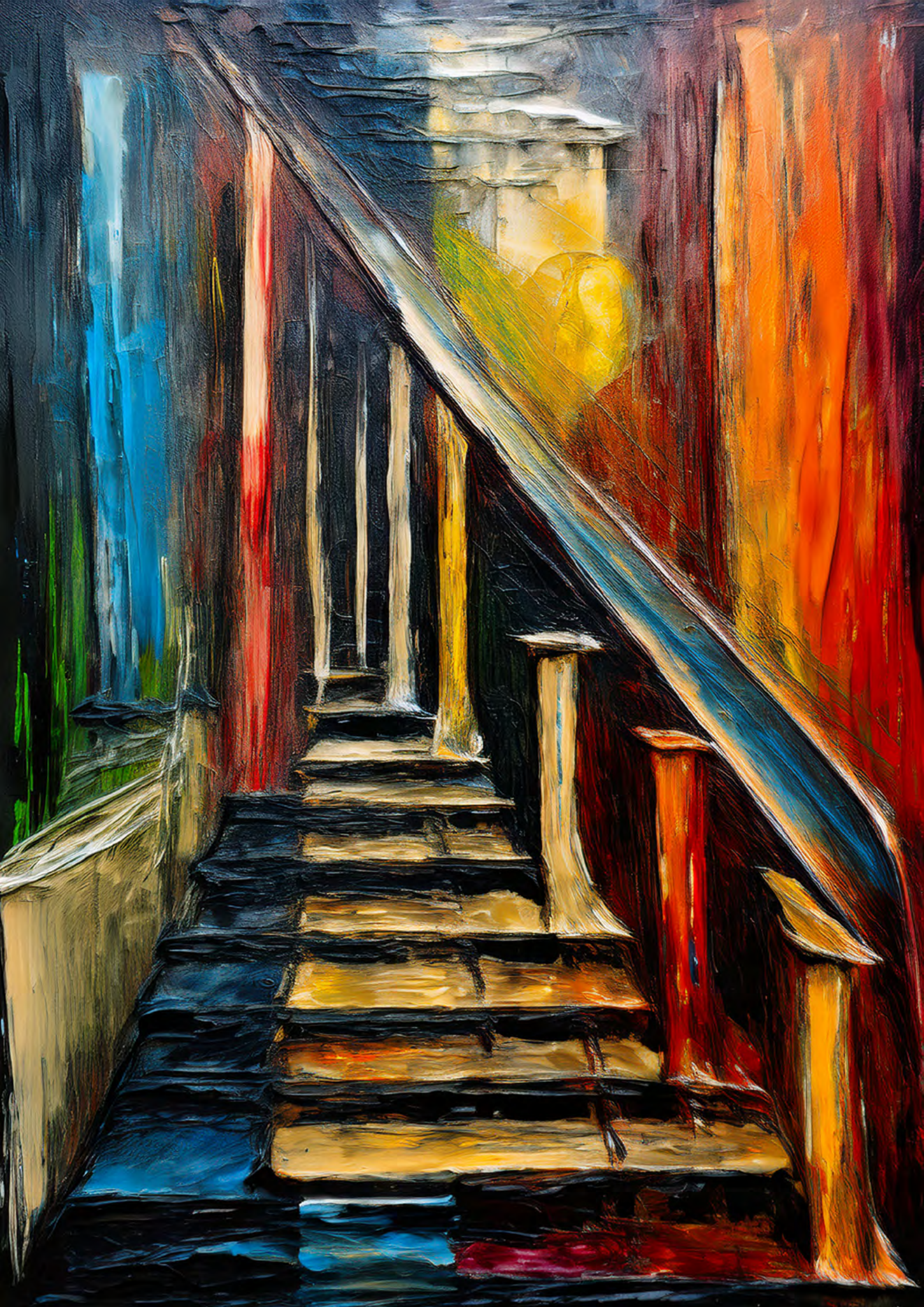




Gravura Digital
"A escada de Fibonacci" "A escada de Fibonacci"











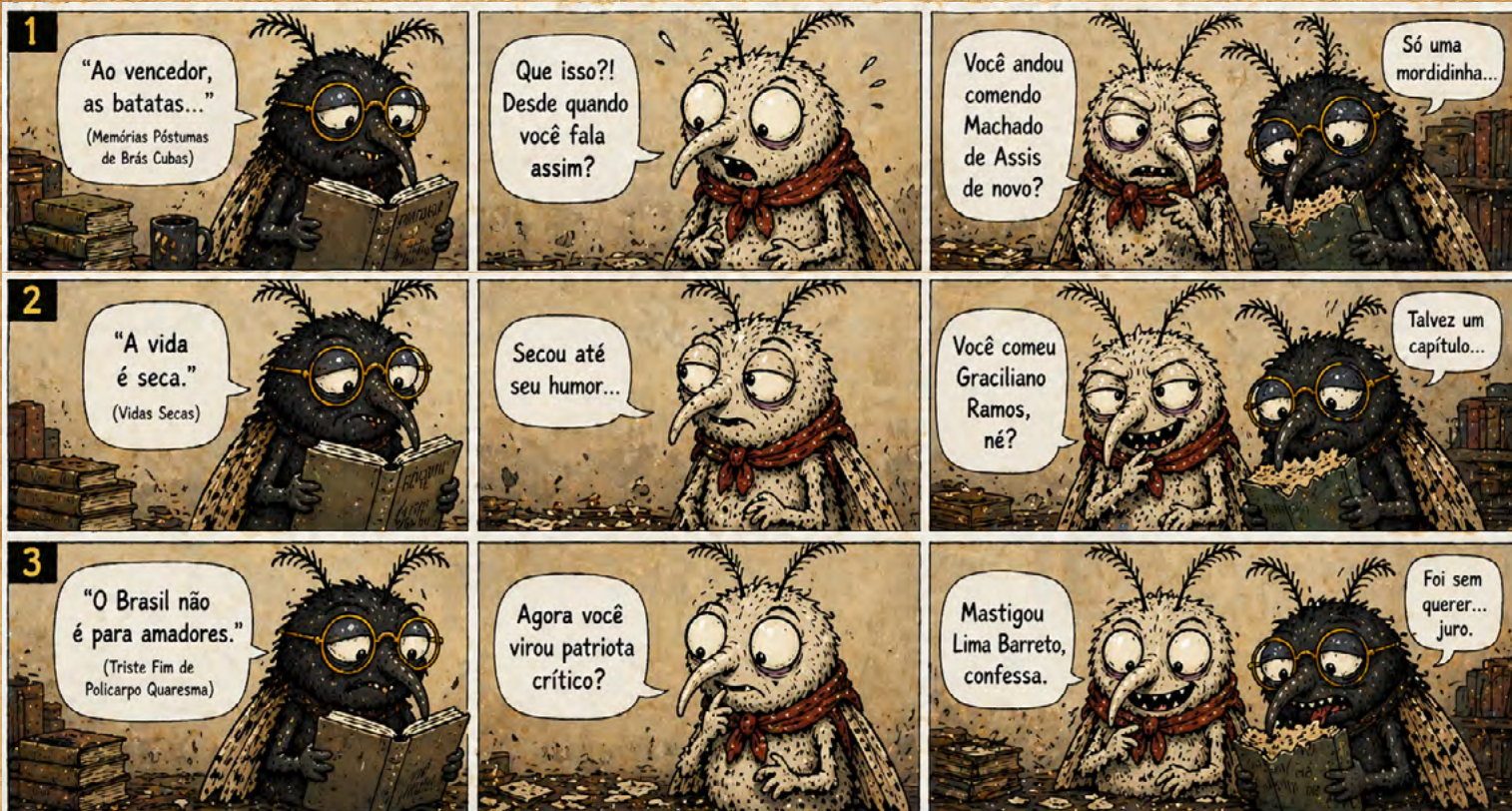


JOGADO ÀS TRACAS

ENTRE A FOME E A MEMÓRIA.



ONDE O
CONHECIMENTO
É DEVORADO.



4 - A REALIDADE DA XEROX



6 - O LIVRO RESPONDE



D-ARTE

Com qualquer valor você ajuda a manter nossas edições
com distribuição gratuita



Contribua com nosso projeto



O MEC Livros é uma plataforma digital criada pelo Ministério da Educação para ampliar o acesso à leitura e ao conhecimento por toda a população. O portal oferece gratuitamente um acervo de 26 mil obras, garantindo que estudantes, professores e a população em geral tenham acesso a conteúdos técnicos e culturais.

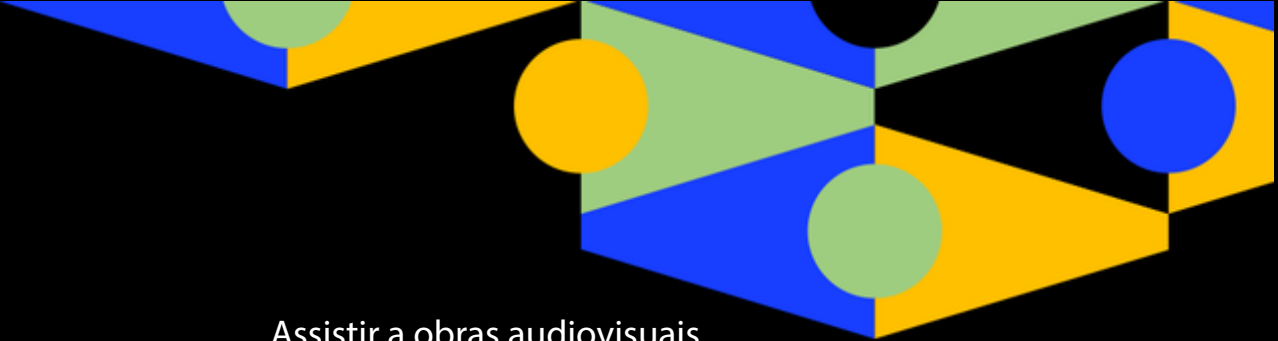
São mais de mil obras de literatura em português, mais de mil livros sobre economia, além de exemplares sobre história, biologia, relações internacionais e educação em inglês, alemão, espanhol, francês e italiano.

O catálogo reúne diversas obras em domínio público, permitindo que leitores encontrem clássicos da literatura nacional e internacional, materiais pedagógicos e outros recursos educacionais. Desse modo, o MEC Livros busca incentivar a leitura e democratizar o acesso ao conhecimento.

- Objetivos

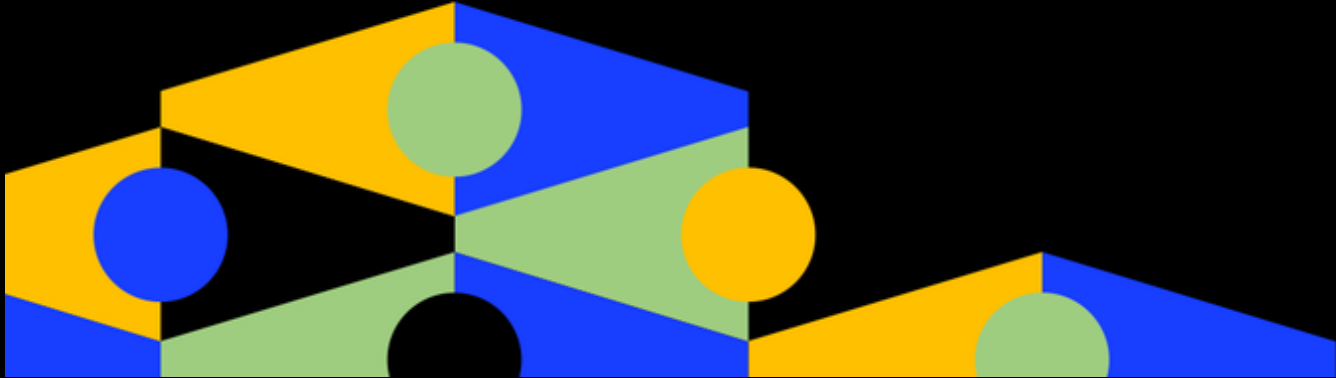
- Democratizar o acesso à leitura com a disponibilização de forma gratuita de um acervo digital para estudantes, professores e a população em geral;
- Oferecer livros didáticos, contribuindo para a aprendizagem e a formação de alunos da rede pública e privada de ensino;
- Difundir o patrimônio literário, permitindo que clássicos da literatura nacional e internacional alcancem um maior número de leitores;
 - Estimular o hábito da leitura e o interesse pelos livros;
 - Reduzir desigualdades no acesso ao conhecimento;
- Modernizar o ensino e promovendo a integração de novas tecnologias na educação.

<https://play.google.com/store/apps/details?id=br.gov.mec.meclivros>



Assistir a obras audiovisuais
brasileiras na plataforma

TELA 
BRASIL



A plataforma Tela Brasil é um serviço público digital que permite ao cidadão assistir gratuitamente a obras audiovisuais brasileiras pela internet.

O serviço funciona no formato de vídeo sob demanda (streaming público), sem cobrança de assinatura, e integrado à conta gov.br, facilitando e tornando mais seguro o acesso do usuário.

O acervo reúne obras audiovisuais brasileiras, abrangendo diferentes gêneros, como ficção, documentário, animação e experimental, contribuindo para a difusão cultural em todo o território nacional. Na plataforma, a maior parte do catálogo dos filmes conta com recursos de acessibilidade, como legendas

descritivas, audiodescrição e tradução em Libras, promovendo inclusão e garantindo que mais pessoas possam acessar e usufruir dos conteúdos disponíveis.

O objetivo é ampliar e democratizar o acesso da população ao audiovisual brasileiro, valorizando a produção nacional e promovendo a diversidade cultural do país.

Ao disponibilizar gratuitamente conteúdos audiovisuais pela internet, o serviço contribui para reduzir barreiras de acesso — geográficas, econômicas e sociais —, permitindo que mais pessoas tenham contato com obras brasileiras.

ASSISTA AGORA

PODE, CHEFE? PODCAST

UMA MARCA REGISTRADA QUE INSPIRA HISTÓRIAS E CONEXÕES

**Pode,
Chefe?**
PODCAST

PODE, CHEFE? PODCAST: O ESPAÇO DO DIÁLOGO E APRENDIZADO

Criado e apresentado por Aurélio Pereira e Ronilson Rony, o podcast tem como missão dar voz a pessoas que transformam suas áreas de atuação por meio da cultura, educação, empreendedorismo, gestão, inovação e desenvolvimento humano.

Mais do que entrevistas, cada episódio se transforma em uma oportunidade

de reflexão, troca de conhecimento e inspiração.

O projeto vem conquistando espaço nas principais plataformas digitais, fortalecendo sua comunidade e ampliando seu alcance a cada temporada.

O registro da marca representa um importante marco institucional, garantindo proteção jurídica e consolidando o valor construído ao longo dos anos. É o reconhecimento de um trabalho pautado pela seriedade, criatividade e compromisso com a comunicação.

**AURÉLIO
PEREIRA**



**RONILSON
RONY**



CLIQUE AQUI



SERVIÇO DE
CHEF
no seu evento



EVENTOS
EM GERAL



CARDÁPIOS
PERSONALIZADOS



ASSESSORIA
COMPLETA



DECORAÇÃO



MESA
POSTA



CONTATO

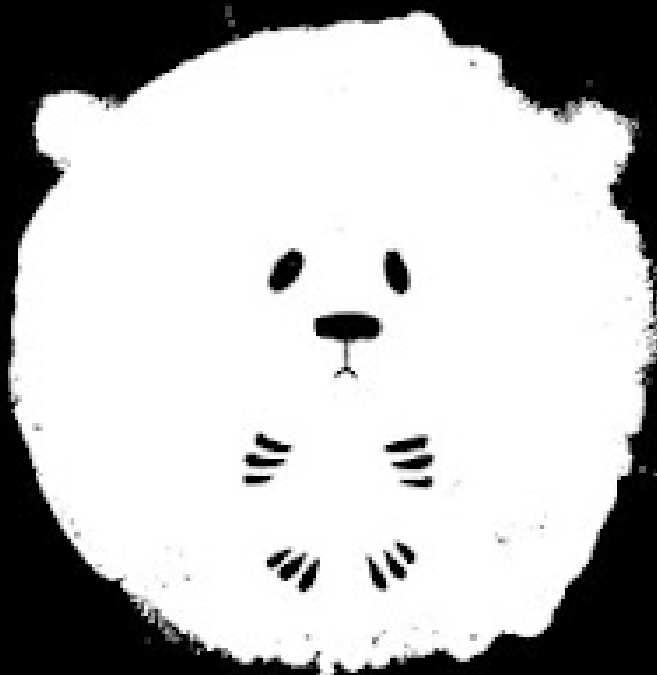
43 98807-4789



@chefluiviamantovani



@mantovanieventos



nanu

<https://nanu.blog.br/>



O streaming gratuito dos cinemas negros

A diversidade afrodiaspórica pelas lentes

de pessoas negras

<https://www.ubuplay.com/>



Divulgação/Paulão

Paulo Cesar Troiano, vulgo Paulão Rock n Roll, produtor cultural e apresentador.

Idealizou o projeto Azylo Hotel, com eventos e programas na TV e no rádio. Atualmente o projeto conta com três programas na UEL FM, Zappa N UEL, Azylo XTREMUS e Blues Hotel.

Radialista/produtor do Programa Azylo Hotel nas rádios: Rádio FM Cidade 102.9(Cambé); Rádio Paiquere FM(Londrina);Rádio Antena 1 (Londrina); Rádio Aquarius Fm (Arapongas); Rádio 104.5 (Cornélio); Rádio Cidade FM(Londrina); Rádio UEL (Londrina); Alma Londrina Rádio Web;

Apresentador dos programas: Azylo Vídeo Hotel na TV Tibagi de Apucarana; Azylo Resort no Canal 20; TV Metrópoles na TV Tibagi;

Autor do Projeto radiofônico e televisivo “Azylo Hotel “ desde 1982/atual;

Produção/Apresentação dos shows de rock no “Dia Mundial do Rock” na Concha Acústica de Londrina, edições: 2013 à 2019;

Autor do Projeto com certificado da Universidade Estadual de Londrina “Papo de Rock” com palestras educativas sobre a

história do Blues nas Escolas Estaduais de Londrina nos anos 2003 à 2005;

Produtor/Apresentador do Projeto “Azylo Hotel Live” gravado no Bar Valentino, transmitido nos canais Azylo Hotel e Rock Pé Vermelho em 2020;

Sábado às 20h
Reprise quarta-feira às 23h

Blues Hotel é um programa focado nas influências do Blues na música rock dos anos 70, o programa tem como objetivo educar e entreter os ouvintes, revelando as conexões entre esses gêneros. A proposta é mostrar que Blues está presente onde menos se espera, enriquecendo a música das bandas favoritas dos ouvintes. Voltado para fãs de rock clássico e curiosos por história musical, “Blues Hotel” estreou em setembro, prometendo uma jornada sonora única e reveladora.

Contato

Rua Fernando de Noronha, 433

Londrina-Paraná

(43)9 8818-2604

projetoazylohotel@gmail.com

<https://www.instagram.com/azylohotel> <https://www.facebook.com/PauloCesarTroiano> Canal Azylo Hotel (YouTube)

DISQUE 100 RACISMO

RACISMO É CRIME! DENUNCIE!

**AGORA O DISQUE 100 TAMBÉM RECEBE
DENÚNCIAS DE RACISMO. SE VOCÊ FOI
VÍTIMA OU PRESENCIOU UM CRIME DE
RACISMO, DISQUE 100 E DENUNCIE!**

LEI Nº 6.496, DE 21 DE MARÇO DE 2019.



BATUQUE Na Caixa 25 Anos



OFICINAS DE MÚSICA, TEATRO,
LEITURA, CAPOEIRA E DANÇA

BA - ES - PR - SE - SP



MINISTÉRIO DA
CULTURA



APOIO:



BATUQUE NA CAIXA: 25 ANOS

Conheça a história do projeto nacionalmente premiado e reconhecido



Livro a venda em formato impresso e ebook no Clube de autores, Amazon, Mercado Livre, Estante Virtual

Escaneie Abaixo:



Aldo Moraes

Autor vencedor do Prêmio Destaques Literários 2025, concedido pela Focus Brasil/Academia Internacional de Literatura Brasileira com sede em Nova Iorque

O livro batuque na caixa 25 anos retrata o reconhecido projeto, criado em Londrina/PR pelo Instituto Cultural Arte Brasil e que acumula prêmios nacionais por sua atuação cultural, social, educativa e ambiental e por exemplo de gestão e organização. Batuque na caixa já atendeu gratuitamente mais de 10 mil crianças e adolescentes; formou gerações de profissionais; seu grupo musical subiu ao palco com Alcione, Naná Vasconcelos, Palavra Cantada, Hermeto Paschoal e Olodum.

Atualmente os alunos de Londrina são atendidos com patrocínio da Política Nacional Aldir Blanc e as unidades espalhadas pelo Brasil tem patrocínio da Lei Rouanet, Ministério da Cultura, Governo Federal e J Macedo.

O projeto tem coordenação nacional de Aldo Moraes, autor do livro.



Recentemente a coreógrafa, educadora e pesquisadora Jéssica Ramos explorou a diversidade das danças brasileiras com jovens de Bauru, estado de São Paulo. Nascida em Londrina/PR, a profissional desenvolveu boa parte de sua trajetória atuando com danças tradicionais do estado e danças urbanas.

A partir de 2020, radicada em Sergipe, ela passou a pesquisar e aprofundar o conhecimento dos passos do reisado, lambeijos e samba de coco. Educadora do batuque na caixa 25 anos, projeto desenvolvido pela Lei Rouanet com patrocínio da empresa J Macedo, Ministério da Cultura e Governo Federal ela se reuniu na sede da OSC Wise Madness com jovens e abordou a cultura ancestral do Nordeste além de levar alunas e alunos ao delírio com as danças urbanas.

Ela considera exitosa e inovadora estas experiências quando leva a cultura tradicional às novas gerações, só possíveis porque artistas e instituições podem contar com uma política pública de cultura do Ministério da Cultura e que conta com a sensibilidade de empresas como a J Macedo. Destaca também a parceria que o batuque na caixa mantém com o ICL, Lupa do bem, Sesc Cadeião Cultural, Revista D'arte e Podechefe podcast que repercutem conhecimento e conteúdo.





ENTREVISTA JESSICA

Por Aldo Moraes/ MTB 0010993/PR

Hora de conversar sobre arte e movimento. A Revista D'arte recebe a coreógrafa, dançarina eicineira Jéssica Ramos. Nascida em 1992 tem formação em Educação Física pela Faculdade Dom Bosco e atua elaborando movimentos e a metodologia de suas oficinas em projetos culturais e academias, Ramos conversa com a Revista sobre arte, sociedade e dança

Olá Jessica é uma satisfação te entrevistar para a prestigiada Revista D'arte. Fale um pouco da sua formação e experiencia em dança: Sou graduada em Educação Física pela renomada Faculdade Dom Bosco e trago 15 anos de experiencias com dança, seja recebendo formação e acompanhando o movimento, seja realizando projetos, participando de projetos, em escolas de samba, academias e criando coreografias.

Quais os desafios da sociedade na relação cotidiana com a dança? Infelizmente na área cultural sofremos muitos preconceitos que ainda estão enraizados na sociedade. A própria dança é vista como um entretenimento e restrita a corpos e classes. Recentemente uma sanção presidencial reconheceu o oficio da dança como profissão. Isso vai trazer reconhecimento cultural, social e financeiro

Quais coreógrafos e dançarinos você admira? Matt Steffanina: renomado coreógrafo, dançarino de hip-hop, DJ e influenciador digital americano, amplamente reconhecido por seus tutoriais de dança e performances virais no YouTube. Com mais de 30 milhões de seguidores acumulados, ele é um dos dançarinos mais seguidos nas redes sociais
Fernanda Pacheco: Coreógrafa belo-horizontina. Fernanda Pacheco conquistou o prêmio de Melhor Coreografia do Carnaval de Salvador 2026 com a dança do hit 'Panamera', de Tony Salles. O troféu foi entregue pela Band, emissora oficial da festa na capital baiana.
Moyra Brunette

Qual sua expectativa com as oficinas de dança batuque na caixa? Minhas expectativas para com as oficinas do projeto batuque na caixa são de muita interação, aprendizado e inclusão social. Estou realizando atividades de formação e artísticas em Indiaroba/SE e Bauru/SP com pessoas de diversas faixas etárias. Sinto-me honrada em participar de um projeto que tem história no Brasil e procuro integrar as danças urbanas, danças do Sul e danças do Nordeste, como o rico samba de coco de Sergipe

Redes sociais da entrevistada: <https://www.instagram.com/jessicamos.alquimia/>

Irmãos Santiago

ARTISTAS
LONDRINESES



Os Irmãos Santiago são artistas, ilustradores e professores de desenho, naturais de Londrina (PR), conhecidos pelo trabalho com desenho e arte em papel machê. Formado pelos irmãos Simone, Liliane e Fábio Santiago, o projeto une arte, educação e cultura popular brasileira.

“Com forte atuação na área de ensino, os irmãos ministraram aulas presenciais de desenho durante sete anos, experiência que marcou a trajetória do coletivo e fortaleceu sua relação com a arte educação.” além da criação do curso online de desenho do coletivo. Os irmãos também desenvolvem esculturas, máscaras e peças decorativas em papel machê, valorizando técnicas artesanais e referências da cultura brasileira. O trabalho deles já participou de eventos culturais, oficinas e exposições.



Dentre os trabalhos já realizados, também fizeram pintura em parede e atuam como ilustradores de livros; os irmãos seguem expandindo sua presença nas redes sociais por meio de conteúdos sobre arte, criatividade e humor.

OS ARTISTAS



Simone Santiago

Artista visual, artesã e professora de desenho, formada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), com pós-graduação em Metodologia do Ensino da Arte. Atua em projetos de ilustração, arte educação e processos criativos ligados ao fazer artesanal, unindo formação acadêmica e experiências desenvolvidas de maneira autodidata ao longo da trajetória artística.

Liliane Santiago

Designer de Produto formada pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), artesã e professora de desenho, com pós-graduação em Metodologia do Ensino da Arte. Responsável pela gestão e desenvolvimento técnico dos projetos do coletivo, atuando também nas áreas de planejamento e acompanhamento financeiro. Possui trajetória marcada pela pesquisa prática e pelo desenvolvimento autodidata em diferentes linguagens artísticas.





Fábio Santiago

Arquiteto e urbanista, formado pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), artesão, retratista e professor de desenho. Atua no desenvolvimento artístico e técnico das obras do coletivo, com forte dedicação ao desenho realista, composição visual e fundamentos do desenho. Sua trajetória reúne formação acadêmica e aprofundamento autodidata nas práticas artísticas.

A união familiar é parte essencial do processo criativo do grupo, refletindo-se tanto nas obras quanto na maneira colaborativa com que desenvolvem seus projetos.

Redes sociais

@irmaossantiagodesenho

@irmaossantiago.arte

@fabio.santiago__

www.ometodois.com.br

slpapel mache@gmail.com

Whatsapp (43)3337-4101

Toda trama começa com um encontro.



Da esquerda para a direita: Thuty Benito, diretora criativa do Entre Linhas e Cores; Marcos Savae, articulador de conexões e oportunidades; Juliana Benito, responsável pela gestão da APASAE.

Entre linhas, conexões e propósitos, nasceu uma jornada que une arte, cultura, território, inovação e desenvolvimento humano. Nesta edição, convidamos você a conhecer um pouco da história, das pessoas e dos caminhos que vêm sendo tecidos pelo ecossistema Entre Linhas e Cores e pela APASAE.

A aventura começa agora.

ENTRE LINHAS E CORES: UMA HISTÓRIA QUE CONTINUA SENDO TECIDA

Algumas histórias são construídas pelas circunstâncias. Outras, pela coragem de transformá-las. A trajetória de Thuty Benito reúne as duas características. Advogada, especialista em Gestão Pública e Governança, pesquisadora, escritora, bordadeira e servidora pública há mais de três décadas, construiu sua caminhada conciliando trabalho, estudos,

responsabilidades familiares e uma permanente busca por conhecimento. Mãe solo, aprendeu cedo que os desafios não definem o destino de uma pessoa. Ao longo da vida, transformou obstáculos em aprendizado e fez dos recomeços uma filosofia de vida. Essa experiência tornou-se uma das bases do trabalho que desenvolve atualmente por meio do Entre Linhas e Cores. Criado a partir da compreensão de que o bordado pode ser muito mais do que uma expressão artística, o Entre Linhas e Cores nasceu como um espaço de reflexão, pertencimento e valorização das histórias humanas. Com o passar dos anos, o projeto ampliou sua atuação e passou a dialogar com cultura, identidade territorial, desenvolvimento humano, economia criativa, empreendedorismo e inovação. Mais do que produzir obras, a proposta busca fortalecer pessoas, memórias e territórios. Um dos exemplos mais significativos dessa atuação aconteceu em Santo Inácio, no

norooeste do Paraná. Em oficinas que reuniram aproximadamente cinquenta mulheres, o bordado foi utilizado como instrumento de escuta, reflexão, valorização da memória local e fortalecimento da identidade cultural. Os desdobramentos desse trabalho ultrapassaram os limites da atividade artística. A experiência contribuiu para fortalecer a construção da identidade territorial Terra das Missões, iniciativa que conecta os municípios de Itaguajé, Jardim Olinda, Santa Inês e Santo Inácio em torno da valorização de suas raízes históricas, culturais e comunitárias. Mais do que estimular a produção artesanal, o processo ajudou a aproximar territórios, incentivar o diálogo entre diferentes municípios e fortalecer uma visão compartilhada sobre cultura, pertencimento e potencial turístico regional. A experiência demonstrou como a cultura pode atuar como ferramenta de desenvolvimento territorial, contribuindo para a formação de redes de cooperação, para o fortalecimento da identidade regional e para a criação de novas oportunidades ligadas à economia criativa e ao turismo cultural. Essa trajetória também vem sendo reconhecida por meio de exposições, premiações e homenagens. Entre os destaques estão a participação na



exposição realizada durante a reinauguração do SESC de Bela Vista do Paraíso, a premiação da obra Entre Lendas e a homenagem recebida na Casa do Povo, pela Câmara Municipal de Primeiro de Maio. O crescimento do Entre Linhas e Cores também é resultado de uma construção

coletiva. Ao lado de Thuty Benito está Marcos Savae, responsável pela articulação de conexões e oportunidades, aproximando pessoas, instituições e territórios e contribuindo para ampliar o alcance das iniciativas desenvolvidas. Integra igualmente essa construção Juliana Benito, responsável pela gestão da APASAE, empresa que sustenta e viabiliza os projetos desenvolvidos. Sua atuação contribui para transformar ideias em ações concretas, oferecendo a estrutura necessária



para que iniciativas culturais, educativas e de desenvolvimento humano possam crescer de forma organizada e sustentável. O projeto vive atualmente uma fase de expansão e consolidação. Entre as iniciativas em desenvolvimento está a estruturação do Coletivo Entre Linhas e Cores, em processo de tramitação junto ao Ministério da Cultura, fortalecendo a atuação em rede e ampliando oportunidades para artistas, artesãs e agentes culturais. O momento atual também marca a ampliação das frentes de atuação ligadas à economia criativa, ao desenvolvimento territorial e à inovação. Nesse contexto, ganha forma a identidade autoral Thuty Benito, reunindo projetos, pesquisas, palestras e iniciativas que conectam arte, conhecimento, gestão, cultura e tecnologia. Mais do que preservar memórias, o Entre Linhas e Cores busca revelar os sentidos que existem por trás delas. Sua essência nasceu da própria trajetória de Thuty Benito: uma mulher que aprendeu a transformar desafios em aprendizado, perdas em reflexão e recomeços em novos caminhos. Uma

experiência de vida que encontrou no bordado uma linguagem capaz de conectar pessoas, territórios, histórias e futuros. Talvez seja por isso que o projeto ultrapasse os limites da arte. Cada linha carrega uma memória. Cada cor traduz uma emoção. Cada trama revela que a vida está em permanente construção. O Entre Linhas e Cores nasceu da convicção de que ninguém está

condenado às circunstâncias do presente. Que as raízes merecem ser preservadas, mas que o futuro permanece aberto às possibilidades. Porque, assim como no bordado, a vida também é feita ponto por ponto. E cada novo ponto é uma oportunidade de continuar tecendo a própria história.





PERDÃO

Muito se tem falado sobre Inteligência emocional e um dos vários pontos relevantes para se realmente desenvolvê-la é o Perdão. O perdão é uma das formas mais profundas de liberdade emocional que um ser humano pode experimentar.

Perdoar não significa apagar a dor como quem apaga palavras escritas na areia. Significa retirar o peso que aprisiona a alma e devolver paz ao próprio coração. Muitas vezes, a pessoa que mais sofre ao alimentar mágoas não é quem feriu, mas quem escolheu carregar diariamente o veneno da lembrança.

Guardar ressentimentos é como segurar brasas acesas esperando que o outro se queime. Aos poucos, quem se destrói é aquele que insiste em permanecer preso ao sofrimento. O perdão, portanto, não é um presente oferecido apenas

ao outro. É um ato de amor próprio. É uma decisão silenciosa de não permitir que a dor continue controlando a própria vida.

A inteligência emocional floresce quando o ser humano aprende a reconhecer os próprios sentimentos com sinceridade. Não existe cura emocional na negação. É preciso olhar para dentro e validar aquilo que se sente. Há feridas que sangram em silêncio. Há decepções que se escondem atrás de sorrisos. Há pessoas que continuam vivendo anos dentro de prisões emocionais construídas por acontecimentos do passado.

Reconhecer a dor não é sinal de fraqueza. Pelo contrário. Exige coragem olhar para as próprias emoções sem máscaras. Somente quando alguém aceita o que sente é que começa a abrir espaço para a cura verdadeira.

O coração humano se parece com um jardim. Quando sentimentos negativos permanecem acumulados por muito tempo, ervas daninhas emocionais começam a sufocar a paz, a esperança e a alegria. O perdão funciona como uma limpeza da alma. Ele retira aquilo que impede novas flores de nascerem dentro de nós.

Entretanto, perdoar não significa aceitar abusos, humilhações ou permitir que comportamentos destrutivos continuem fazendo parte da vida. Muitas pessoas confundem bondade com ausência de limites. Mas maturidade emocional também é saber proteger a própria paz.

Estabelecer limites saudáveis é como construir portas fortes ao redor do coração. Não para impedir o amor de entrar, mas para impedir que a destruição continue ocupando espaço. O perdão cura, mas os limites preservam.

A empatia também possui um papel transformador nesse processo. Quando tentamos enxergar as dores, os traumas e as limitações que existem por trás das atitudes humanas, desenvolvemos uma compreensão mais profunda sobre as imperfeições da vida. Muitas pessoas ferem porque também carregam feridas invisíveis dentro de si.

Isso não justifica atitudes erradas, mas ajuda a aliviar o peso do ódio. Porque quando entendemos que todo ser humano trava batalhas internas silenciosas, começamos a olhar o mundo com mais compaixão.

A gratidão e o perdão caminham juntos como duas asas capazes de libertar a alma. A gratidão ensina o coração a valorizar a luz, mesmo em dias escuros. O perdão ensina a soltar as correntes emocionais que impedem a caminhada.

A ciência já demonstra que pessoas que praticam conscientemente o perdão e a gratidão desenvolvem mais equilíbrio emocional, menos estresse e maior qualidade de vida. Mas além da ciência, existe algo ainda mais poderoso: a transformação interior que acontece quando alguém decide não viver mais aprisionado pela dor.

Nada muda da noite para o dia. O perdão é um processo. Às vezes lento. Às vezes silencioso. Às vezes doloroso. Mas toda grande transformação começa com uma decisão.

Decidir deixar o passado no lugar onde ele pertence.

Decidir não permitir que mágoas roubem o futuro.

Decidir proteger a própria paz emocional.

A vida é curta demais para ser vivida carregando correntes emocionais. Quem aprende a perdoar descobre que a verdadeira força não está em alimentar guerras internas, mas em desenvolver serenidade suficiente para continuar caminhando com leveza.

Perdoar não muda o passado.

Mas muda profundamente o ser humano que escolhe seguir em frente.

“A mente humana floresce quando aprende a unir consciência, emoção e ação.” RF

Ricardo R. França

Especialista

Neurociência Comportamental

MBA Liderança



**HENRIQUE AZUL E O
MOVIMENTO QUE ESTÁ
REINVENTANDO O
BERIMBAU**

**Berimbau
Com Tudo**



Berimbaucomtudo transforma um dos maiores símbolos da cultura afro-brasileira em protagonista da música contemporânea

Por décadas, o berimbau foi visto principalmente como um instrumento ligado à Capoeira. Sua sonoridade única tornou-se símbolo da resistência cultural afro-brasileira, mas raramente ocupava o centro dos grandes palcos da música contemporânea. É justamente esse paradigma que o músico carioca Henrique Azul vem desafiando há anos.

Criador do projeto Berimbaucomtudo, Azul desenvolveu uma linguagem própria para o instrumento, ampliando suas possibilidades técnicas e sonoras a ponto de transformar o berimbau em um instrumento capaz de dialogar com diferentes gêneros musicais, do Rock ao Rap, passando pela música eletrônica e pelas experimentações contemporâneas.

Com quase 34 anos de trajetória, Henrique Azul construiu uma identidade musical tão singular que muitos admiradores afirmam reconhecer sua assinatura artística apenas pelo som.

Do Horto aos palcos internacionais

A relação de Henrique com o berimbau começou ainda na infância. Aos 10 anos, no bairro do Horto, no Rio de Janeiro, teve seu primeiro contato com a Capoeira e, consequentemente, com o instrumento que definiria sua vida artística.

Durante muitos anos, o berimbau o acompanhou em festas, saraus, encontros culturais e apresentações informais. O que hoje é reconhecido como pesquisa artística começou, na verdade, como diversão e aprendizado.

Paralelamente, Henrique também viveu a experiência do Rock. No início dos anos 2000 integrou a banda PRG como guitarrista, passando por casas tradicionais da cena alternativa carioca, como Garage e 911. Essa convivência com diferentes universos musicais ajudaria a moldar sua visão sobre as possibilidades do berimbau.

O nascimento do Berimbaucomtudo

Foi em 2020 que surgiu oficialmente o Berimbaucomtudo.

O projeto nasceu de uma inquietação: por que um instrumento tão rico era visto apenas dentro de um contexto específico?

A partir dessa pergunta, Henrique iniciou um intenso processo de pesquisa e experimentação. Em seu laboratório criativo, começou a desenvolver novas técnicas, movimentos e possibilidades sonoras. O objetivo era fazer o berimbau executar melodias e construções musicais consideradas impossíveis para o instrumento.

Durante essa jornada, percebeu algo surpreendente: mesmo entre músicos e praticantes experientes, eram poucos aqueles capazes de estabelecer um diálogo musical amplo com o berimbau fora do ambiente tradicional da Capoeira.

Essa constatação marcou uma virada em sua carreira.

“Foi quando entendi que estava construindo algo novo”, costuma dizer.

Entre 2020 e 2024, Henrique mergulhou em uma rotina diária de treinamento e pesquisa. O resultado foi a criação de novas notas, novas movimentações e uma linguagem inédita que ampliou significativamente os horizontes do instrumento.

Mais do que um projeto musical, o Berimbaucomtudo tornou-se um movimento artístico dedicado a reposicionar o berimbau no cenário musical contemporâneo.



O berimbau sem fronteiras

A inovação desenvolvida por Henrique Azul rapidamente começou a despertar interesse dentro e fora do Brasil.

Em 2025, o artista levou seu trabalho para a Europa, realizando apresentações e workshops em países como França, Dinamarca e Alemanha. O público estrangeiro encontrou não apenas um símbolo da cultura brasileira, mas uma proposta artística contemporânea capaz de dialogar com diferentes tradições musicais.

O reconhecimento internacional consolidou uma trajetória construída a partir da experimentação, da pesquisa e da coragem de desafiar limites históricos atribuídos ao instrumento.

Encontros que ampliam horizontes

Ao longo dos últimos anos, o trabalho de Henrique Azul também ganhou força através de colaborações importantes.

Entre elas estão parcerias com músicos como Túlio Araújo e Japa System, artistas conhecidos pela busca constante por novas linguagens sonoras.

Mais recentemente, Henrique participou de trabalhos com os rappers Thaíde e MV Bill, aproximando ainda mais o universo do berimbau da cultura urbana contemporânea e reafirmando a capacidade do instrumento de dialogar com diferentes expressões artísticas.

O aço e o som

A relevância da trajetória de Henrique Azul também inspira outras produções culturais.

Atualmente está em fase final de produção o livro “O Aço e o Som – A Inspiradora Trajetória de um Berimbalista Carioca”, escrito por Vinicius Rossi.

A obra pretende registrar não apenas a história pessoal do artista, mas também o processo de transformação de um instrumento tradicional em ferramenta de inovação musical.

Um instrumento para o futuro

Os espetáculos de Henrique Azul acontecem principalmente em formato de improviso solo. Utilizando apenas um berimbau, ele cria paisagens sonoras complexas, misturando ritmos, atmosferas e interações com o público.

Cada apresentação é única.

Além dos shows, o artista realiza workshops voltados para músicos, educadores e pesquisadores interessados em compreender o berimbau como instrumento autônomo, independente de sua função tradicional.

Em uma época em que a música busca constantemente novas formas de expressão, Henrique Azul demonstra que a inovação nem sempre nasce da criação de algo novo. Às vezes, ela surge da capacidade de enxergar possibilidades inéditas em elementos que já fazem parte da nossa história.

E é justamente isso que o Berimbaucomtudo vem realizando: revelando ao mundo um berimbau que poucos imaginavam ser possível.



D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

LITERATURA

OS CLÁSSICOS
NUNCA SAEM
DE MODA.



PALAVRAS QUE CONSTROEM MUNDOS.

#40

LITERATURA
IDENTIDADE
MEMÓRIA
BRASIL



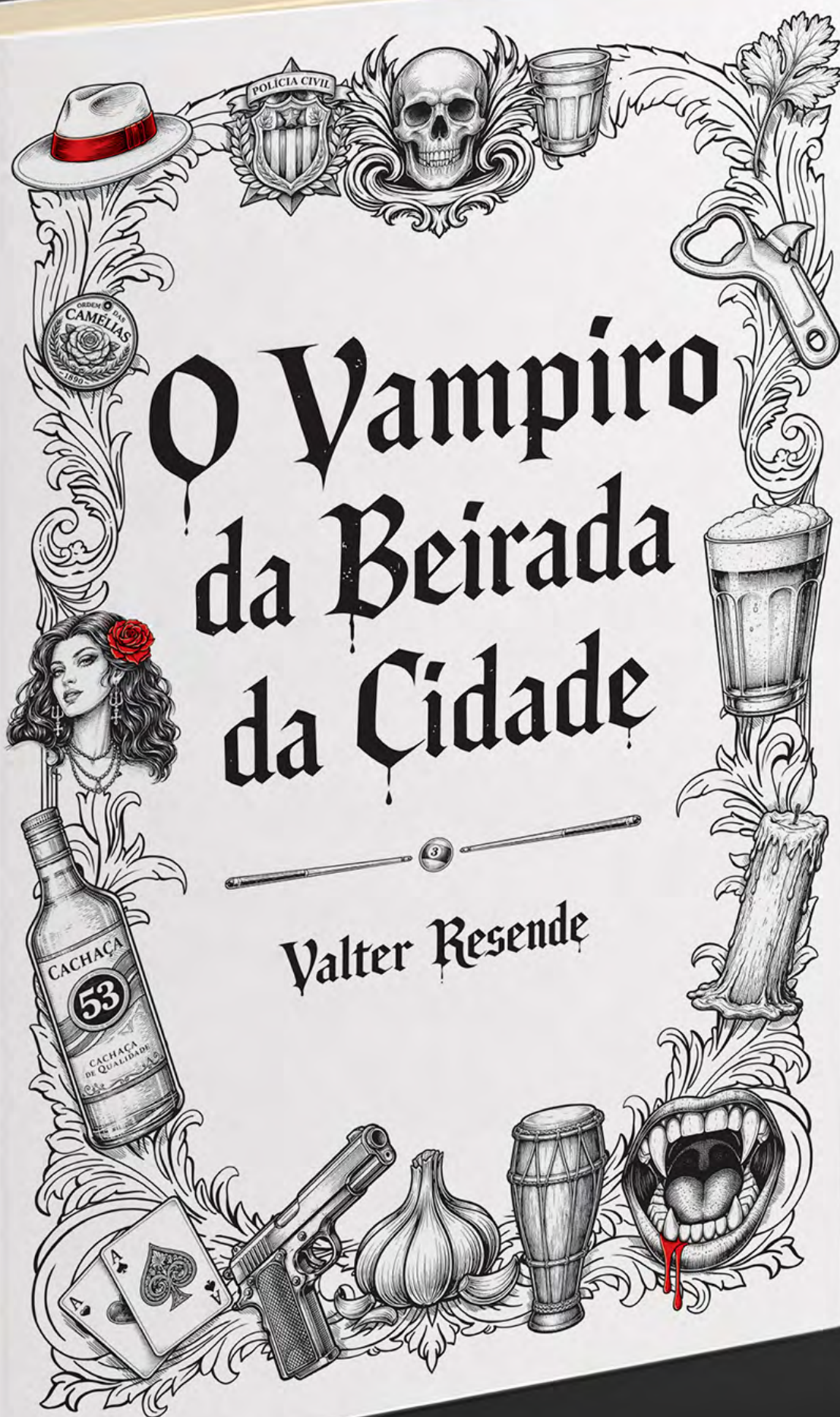
NOSSA LITERATURA,
NOSSA IDENTIDADE,
NOSSA HISTÓRIA.



O Vampiro da Beirada da Cidade



Valter Resende





Vampiro circula pela periferia paulistana em novo livro de Valter Resende

O escritor Valter Resende lança *O Vampiro da Beirada da Cidade*, obra que mistura horror urbano, suspense e crítica social em uma narrativa ambientada na periferia de São Paulo. Com 216 páginas, o livro apresenta ao leitor um vampiro incomum: longe dos castelos europeus e das mansões góticas, o personagem conhecido como Sangue Bom percorre ruas, bares, pontos de ônibus e bairros populares, observando as transformações da cidade e de seus habitantes.

A obra reúne histórias que exploram desaparecimentos misteriosos, encontros improváveis e situações marcadas pela violência urbana, desigualdade social, humor e elementos da cultura popular brasileira. O resultado é uma abordagem original do mito do vampiro, transportado para um cenário reconhecível por milhões de brasileiros.

Segundo o autor, a proposta foi criar um personagem fantástico inserido em um ambiente cotidiano, aproximando o horror da realidade vivida nos grandes centros urbanos. O livro também dialoga com tradições da literatura fantástica nacional, sem abrir mão de referências à vida nas bordas da metrópole.

A edição especial vendida diretamente pelo autor conta com capa com orelhas e ilustrações impressas na parte interna da capa. Essa versão pode ser adquirida por R\$ 45,00 mais frete,

mediante contato pelo e-mail valteresende@gmail.com.

Para leitores que vivem fora do Brasil, a opção mais prática é a edição um pouco mais simples mas com o mesmo conteúdo disponível pela Amazon.com, comercializada por aproximadamente US\$ 10,00.

Já os leitores digitais podem adquirir o eBook Kindle na Amazon Brasil por R\$ 5,00. Assinantes do Kindle Unlimited têm acesso à obra sem custo adicional durante o período em que ela permanecer disponível no programa.

Combinando horror, mistério e um olhar atento para a realidade brasileira, *O Vampiro da Beirada da Cidade* apresenta uma nova perspectiva sobre uma das figuras mais tradicionais da literatura fantástica, provando que até mesmo um vampiro pode encontrar seu lugar na maior cidade do país.



“O que tem na mala?” transforma delicadeza em gesto de resistência ambiental e afetiva

Novo livro de Marli Voigt une literatura infantil, acessibilidade e imaginação para convidar crianças e adultos a reencontrarem a natureza nos pequenos detalhes do cotidiano

Lançamento!

04 de julho

sábado

das 10h às 12h

Com **contação de história** às 11h

Biblioteca Pública do Paraná

**R. Cândido Lopes,
133 - Centro**

**Com
suculentas
de brinde!**



REALIZAÇÃO

NEXO
Cultural

CAPTAÇÃO

sauí
RESPONSABILIDADE
SOCIAL

INCENTIVO

 **COLÉGIO
POSITIVO**



**Prefeitura de
CURITIBA**

PROJETO REALIZADO COM RECURSO DO PROGRAMA DE APOIO, FOMENTO E INCENTIVO À CULTURA DE CURITIBA - FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA E DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA



Com um olhar sensível para a natureza e os afetos que habitam o cotidiano, a escritora Marli Voigt apresenta *O que tem na mala?*, novo livro infantil que transforma pequenas descobertas em grandes experiências de imaginação, cuidado e pertencimento. Foto: Sueli Terezinha Reck.

Em uma época marcada pelo excesso de estímulos digitais e pela aceleração da vida cotidiana, a escritora Marli Voigt lança um convite ao encantamento. No dia 4 de julho, das 10h às 12h, a Biblioteca Pública do Paraná recebe o lançamento de “O que tem na mala?”, obra destinada a crianças de 8 a 12 anos, mas capaz de dialogar com leitores de todas as idades por meio de uma narrativa sobre natureza, memória afetiva e pertencimento. A programação inclui encontro com a autora, sessão de autógrafos, distribuição de mudas, uma contação de histórias com Bruno Sanctus, às 11h, e a entrega de ecobags exclusivas para os leitores que adquirirem o livro durante o evento, transformando o lançamento em uma celebração da leitura, da imaginação e do cuidado com o meio ambiente.

Com ilustrações de Rodrigo Candido, a obra acompanha o personagem Vovô Vitor em uma jornada feita de folhas, sementes, aromas,

memórias e descobertas. A partir de experiências simples, a narrativa constrói um percurso afetivo que aproxima leitores de diferentes idades da natureza, não como um cenário distante, mas como parte viva das relações humanas e da construção das memórias.

Mais do que uma publicação infantil, “O que tem na mala?” apresenta uma reflexão delicada sobre pertencimento, cuidado e responsabilidade ambiental, convidando crianças e adultos a desenvolverem um olhar mais atento para aquilo que muitas vezes passa despercebido. “Quero que as crianças percebam que a natureza não está longe delas. Ela está no quintal, na rua, no cheiro da terra molhada, nas plantas pequenas que encontramos todos os dias”, afirma Marli Voigt.

Ao longo da narrativa, temas como reciclagem, preservação ambiental, mudanças das estações e cultivo do próprio ecossistema surgem de forma orgânica, sem abrir mão da imaginação e da poesia. O livro escolhe o afeto como caminho para despertar consciência e estimular a curiosidade das novas gerações.

Quando a literatura ensina a cuidar sem abrir mão do encantamento

Em “O que tem na mala?”, a infância é compreendida como território de descoberta, criatividade e formação sensível. A obra parte da premissa de que o cuidado com o meio ambiente nasce também da construção de vínculos emocionais com o mundo natural.

Ao acompanhar a trajetória de Vovô Vitor, os leitores descobrem que cultivar uma planta também significa cultivar presença, escuta, pertencimento e responsabilidade coletiva. Nesse sentido, o livro reafirma a potência da literatura infantil como ferramenta de transformação cultural e social.

As ilustrações de Rodrigo Candido ampliam essa experiência por meio de imagens vibrantes e acolhedoras, inspiradas em referências do imaginário brasileiro e em atmosferas que aproximam fantasia e realidade. As cores, formas e personagens dialogam diretamente com o universo da narrativa, reforçando a ideia de que imaginar também é uma forma de cuidar. “A literatura infantil tem a capacidade de despertar vínculos profundos com o mundo. Nas ilustrações, procurei traduzir a ternura da história e a riqueza da natureza para criar uma experiência que acolha leitores de diferentes idades”, destaca Rodrigo Candido.



Sobre Rodrigo Candido é ilustrador e quadrinista. Seu trabalho é inspirado pelo imaginário diaspórico negro e dialoga com referências da música, do cinema e dos jogos eletrônicos. Ilustrou obras como Quilombolando (Estrela Cultural), Caçador Cibernético da Rua 13 e A Cientista Guerreira do Facão Furioso (Editora Malê), além dos quadrinhos 3 Êsùs e o Tempo e Azul Estelar. Em O que tem na mala?, assina as ilustrações que dão vida ao universo sensível e acolhedor criado por Marli Voigt.

Acessibilidade, imaginação e o direito de sonhar juntos

Outro diferencial do projeto é o compromisso com a democratização do acesso à leitura. Serão produzidos mil exemplares impressos com recursos inclusivos como título em Braille na capa, QR Code para audiolivro com audiodescrição, letras ampliadas e alto contraste visual para facilitar a leitura de pessoas com baixa visão.

A acessibilidade também se estende às ações formativas e de contrapartida social. O projeto prevê oficinas de escrita criativa, contações de histórias e oficinas de plantio voltadas para crianças de 8 a 12 anos e pessoas com mais de 60 anos, promovendo encontros intergeracionais por meio da literatura, da arte e da educação ambiental. As atividades contarão com recursos de acessibilidade, incluindo intérprete de Libras.

A proposta de sustentabilidade também atravessa o lançamento. Além da distribuição de mudas ao público, os exemplares adquiridos durante o

evento serão entregues em ecobags exclusivas desenvolvidas para o projeto, ampliando a reflexão sobre consumo consciente e cuidado com o meio ambiente para além das páginas do livro.

Ao unir literatura, acessibilidade e sustentabilidade, “O que tem na mala?” ultrapassa os limites do objeto livro para se tornar uma experiência de formação, convivência e imaginação. Em um tempo marcado pela pressa e pela desconexão com o ambiente natural, a obra propõe um movimento contrário: desacelerar para observar, escutar e cultivar vínculos.

Uma parceria que floresce entre palavra e imagem Natural de Marcílio Dias, distrito de Canoinhas (SC), e radicada em Curitiba desde 1988, Marli Voigt é autora dos livros Temperos da Vida (2020), Amoreza (2022) e Hoje, Sacolas na Multidão (2025). Em sua trajetória literária, construiu uma escrita marcada pela sensibilidade, pela valorização das relações humanas e pelo interesse em despertar novos olhares para o cotidiano.

Já Rodrigo Candido, ilustrador e quadrinista reconhecido por obras inspiradas no imaginário diaspórico negro, soma ao projeto um universo visual pulsante, afetivo e contemporâneo, ampliando a experiência estética e simbólica da publicação.

Projeto realizado com recursos do Programa de Apoio, Fomento e Incentivo à Cultura de Curitiba - Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Lançamento!

04 de julho
sábado
das 10h às 12h
Com **contação de história** às 11h

Biblioteca Pública do Paraná
R. Cândido Lopes, 133 - Centro

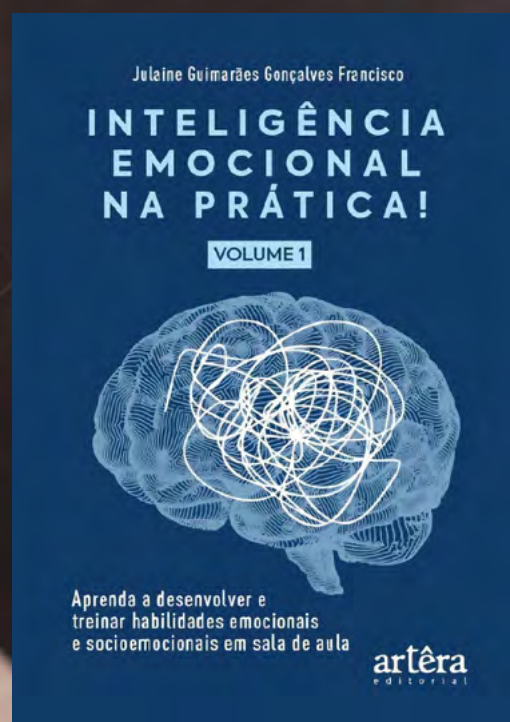
Com **suculentas de brinde!**

REALIZAÇÃO: **NEXO Cultural**
CAPTAÇÃO: **Sauí**
INCENTIVO: **COLÉGIO POSITIVO**
PREFEITURA DE CURITIBA

PROJETO REALIZADO COM RECURSO DO PROGRAMA DE APOIO, FOMENTO E INCENTIVO À CULTURA DE CURITIBA - FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA E DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

*Julaine
Guimarães*

A Coragem de Ser



A Coragem de Ser

De mulher para mulher: despertar mental e emocional

Voltar para si mesma é onde tudo começa.

Linguagens do Amor: conexão ou necessidade emocional?

(Trechos e reflexões do Livro Inteligência emocional na prática)

Você já percebeu que algumas pessoas se sentem profundamente amadas quando recebem palavras de incentivo, enquanto outras valorizam mais um abraço, um gesto de cuidado ou simplesmente a presença de alguém?

Essa diferença foi descrita por Gary Chapman no conceito das Linguagens do Amor.

Segundo ele, existem cinco formas principais pelas quais as pessoas costumam expressar e receber amor:

Palavras de afirmação

Tempo de qualidade

Atos de serviço

Toque físico

Presentes

Conhecer a sua linguagem do amor e a das pessoas mais próximas pode fortalecer relacionamentos, melhorar a comunicação e diminuir conflitos.

Mas existe uma reflexão importante.

Será que tudo o que buscamos receber é apenas uma linguagem do amor?

Ou algumas dessas necessidades podem revelar feridas emocionais que ainda não foram compreendidas?

A neurociência mostra que nossas experiências moldam a forma como percebemos segurança, afeto e pertencimento.

Quando crescemos com ausência de validação, atenção ou acolhimento emocional, nosso cérebro cria registros que influenciam nossas relações futuras.

Por isso, algumas vezes, aquilo que acreditamos ser nossa principal linguagem do amor pode estar conectado também a necessidades emocionais que ficaram sem resposta ao longo da vida.

Isso não significa que a linguagem do amor esteja errada.

Significa apenas que ela pode ser um caminho de autoconhecimento.

Quando alguém sofre intensamente por não receber reconhecimento, talvez não esteja buscando apenas palavras de afirmação.

Talvez esteja tentando preencher uma necessidade antiga de valorização.

Quando alguém sente profunda dor diante da ausência de atenção, talvez não esteja buscando apenas tempo de qualidade.

Talvez esteja procurando a sensação de ser importante para alguém.

É nesse ponto que a inteligência emocional se torna tão importante.

Ela nos ajuda a perceber que os relacionamentos não foram criados para preencher vazios da nossa história, mas para compartilhar afeto, presença e crescimento.

No meu livro Inteligência Emocional na Prática, convido o leitor a desenvolver consciência sobre emoções, comportamentos e padrões que influenciam suas escolhas. E esse processo começa quando deixamos de olhar apenas para aquilo que sentimos falta e passamos a investigar a origem dessa necessidade.

Porque nem sempre a resposta está no que buscamos receber.

Muitas vezes, ela está naquilo que nossa história ainda precisa compreender, acolher e transformar.

E toda transformação começa quando temos coragem de olhar para dentro.

Este é o seu espaço de pausa, consciência e reconexão.

Nos vemos na próxima edição.

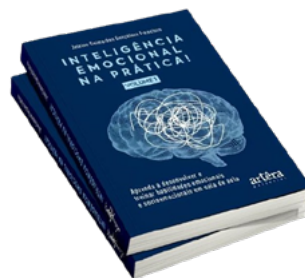
Julaine Guimarães

Mentora de mulheres | Palestrante | Escritora

Contato

Instagram: @julainegui

email: julaine.desenvolvimentohumano@gmail.com

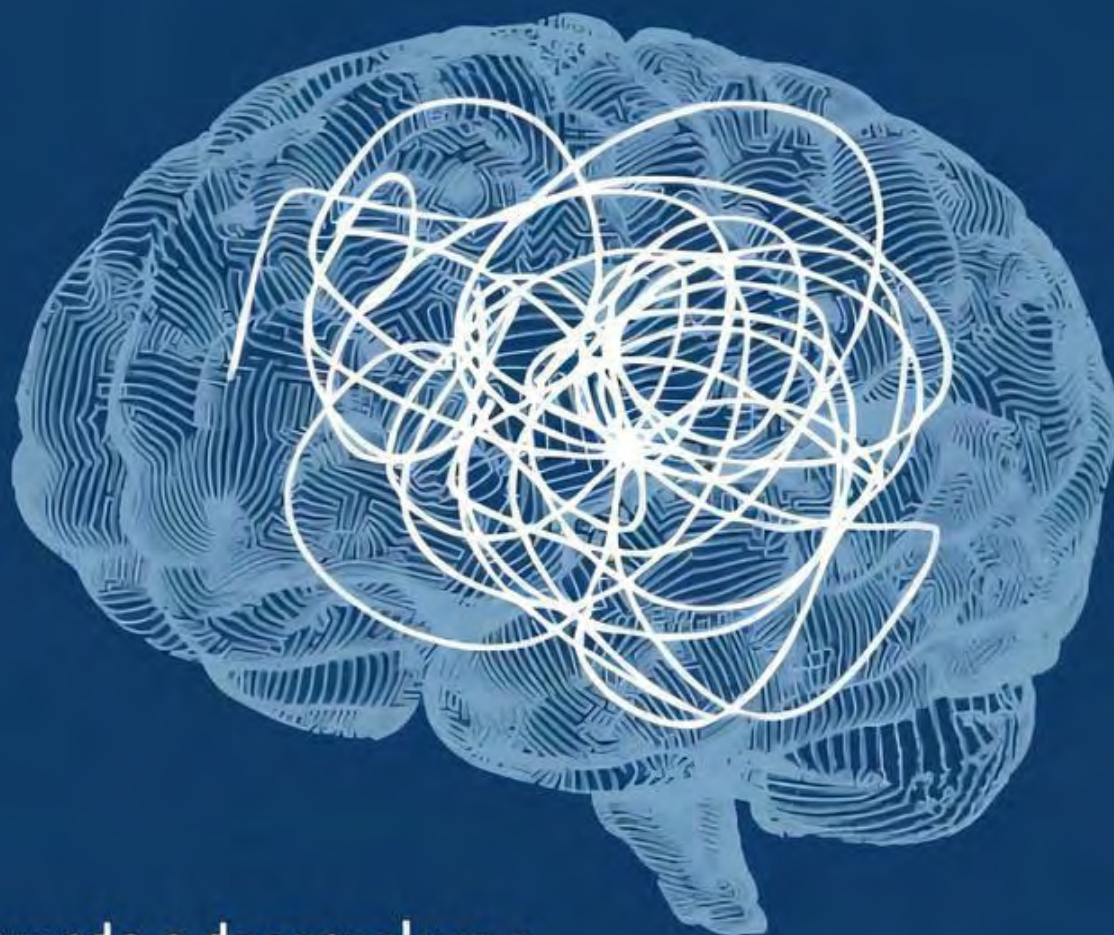


QUER CONTINUAR SE DESENVOLVENDO, CLICA E CONTINUE COM O LIVRO.

Julaine Guimarães Gonçalves Francisco

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA PRÁTICA!

VOLUME 1



Aprenda a desenvolver e
treinar habilidades emocionais
e socioemocionais em sala de aula

artêra
editorial

O SONHO no PODER



O SONHO no PODER

Manifesto para uma Revolução dos Poetas



Sylvia de Montarroyos

Sylvia de Montarroyos, 1947, Pernambuco. Ex-militante, poetisa escritora e sobrevivente da ditadura militar de 1964. Foi uma das poucas vezes a documentar em livro a violência manicomial-psiquiátrica aplicada contra presos políticos no Brasil. Viveu exilada em vários países da América do Sul, onde exerceu várias profissões (tradutora, professora de teatro, garçonne e até trapezista de circo). No final dos anos 60 chega a Portugal e funda com outros: a Cooperativa A Espiral; o projecto Renascimento Rural - Barão de S João, em Lagos; a revista de ecologia profunda Urtiga; o jornal Terra Mágica, e outras iniciativas de âmbito ecológico e ambientalista. Como escritora premiada destacam-se entre outros: "No País das ruas azuis" "Histórias de um bichinho qualquer".

Lança em 2013 o livro autobiográfico "Réquiem por Tatiana: Memórias de um tempo de guerra e de uma descida aos infernos". Como poeta editou uma antologia de poemas seus "O vento nos meus cabelos", 2001.

Lançamento do livro: O Sonho no Poder, Manifesto Para Uma Revolução Dos Poetas, pela Editora SulReal, o grande acontecimento cultural de Junho/2026, na nossa Galeria de Arte - Between, na cidade de Faro, no Algarve. Todos os Poetas brasileiros e portugueses estão convidados.

"Há livros que explicam o mundo.
Há livros que o denunciam.
Há livros que o ornamentam.
E há aqueles — mais raros — que procuram deslocá-lo." SulReal

Galeria Between : be.tween.art@gmail.com

NOVA BIBLIOTECA *da cidade de* BOQUIM/SE

CONHECIMENTO QUE TRANSFORMA,
CULTURA QUE CONECTA!



**Biblioteca
Comunitária**
Gelateca Reginaldo
Oliveira:

O Boca Quente!

foi certificada pelo
**Ministério
da Cultura!**



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Livros para todas
as idades



Espaço de leitura
e convivência



Acesso à internet
e inclusão digital



Atividades culturais
e educativas

**VENHA
NOS VISITAR!**



**Avenida Manoel Eugênio, 193,
Centro, Boquim-SE**



**Biblioteca Comunitária
Gelateca Reginaldo Oliveira:**

O Boca Quente!

Sua biblioteca, seu espaço,
seu lugar! 



Aberta para todos. Feita para você!

Biblioteca Comunitária Gelateca Reginaldo Oliveira: O Boca Quente foi idealizado pela professora, agente/produtora cultural, escritora, pesquisadora, ativista, defensora das culturas populares/tradicionais e neta de Boca Quente: Sandra Rodrigues em 2023, com o intuito de iniciar um projeto de incentivo a leitura que objetiva a promoção do resgate histórico de figuras e personalidades, que contribuíram para a história deste município e que não recebem o merecido reconhecimento, sendo esquecidos com o passar do tempo. Inicialmente o projeto começou numa Geladeira na porta do comércio da família, onde a comunidade realizava leitura por meio da troca e empréstimos de livros, acessavam por meio de um Qrcode anexado nos livros a história do Reginaldo Oliveira. Além de atividades culturais com grupos folclóricos, rodas de leitura com escritores sergipanos e de outro estado, palestras com Mestres da Cultura Popular para comunidade, escolas estaduais e municipais de Boquim/SE. Desde então recebemos apoio de parceiros como da Biblioteca Pública Estadual, aumentando o número de nosso acervo, escritora Jeane Caldas (G. Aguiar – madrinha da Gelateca) e também do Batuque na Caixa. Em 2024 nossa Biblioteca foi convidada pela Biblioteca Pública Estadual Ephifanio Dórea para

receber o prêmio “BIBLIOTECA TRANSFORMADORA/2024” que aconteceu durante o II Encontro Estadual de Literatura Sergipana, no dia 22 de novembro, na Biblioteca Pública Epiphany Dória, Aracaju/SE. Em 2025, fomos convidados para participar do 12º ENCONTRO ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E COMUNITÁRIAS DE SERGIPE para apresentar práticas exitosas de bibliotecas municipais e comunitárias do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de Sergipe / SEBP. E em 2026, recebemos livros do PNLD fortalecendo com livros para Educação Infantil e fomos certificados pelo MINISTÉRIO DA CULTURA SECRETARIA DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL, LIVRO E LEITURA DIRETORIA DE LIVRO, LEITURA, LITERATURA E BIBLIOTECAS SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, fortalecendo nosso trabalho, incentivando e tendo certeza de que estamos criando mais um espaço de convivência, cultura, arte, educação, entretenimento, pesquisa, educação, na busca do lazer e da aventura que só os livros nos permitem.

Instagram: @reginaldooliveiraobocaquente



reginaldooliveiraobocaquente



reginaldooliveiraobocaquente

reginaldooliveiraobocaquente · Áudio orig...



reginaldooliveiraobocaquente



CADÊ A BOLSA AMARELA QUE ESTAVA AQUI?

Sueli Bortolin

Rovilson José da Silva

CADÊ A BOLSA AMARELA QUE ESTAVA AQUI?

Sueli Bortolin
Rovilson José da Silva

Chamem os médicos, enfermeiros e socorristas: colocaram A Bolsa Amarela de Lygia Bojunga novamente dentro de um saco fechado com a intenção de asfixiá-la, mas tentar amordaçar o enredo literário demonstra a incompreensão de que a literatura faz parte do ser humano e reflete, artisticamente, o que ocorre na sociedade.

Desde os tempos mais remotos, os povos cultivam histórias que passam de geração em geração. Houve um período que a transmissão era apenas pela oralidade, depois com invenção da escrita, as histórias contaram com mais esse recurso. E, ao entrar na escola, a criança se encontra com as histórias infantis, escritas por escritoras e escritores brasileiros, que contribuirão para o seu processo de apropriação da leitura e da escrita.

A convivência da criança com a literatura contribui para sua formação como pessoa, pois é um instrumento que educa, ensina, faz refletir e, ao mesmo, tempo diverte. Leva-a para o mundo da fantasia, que é uma das maneiras da criança aprender a respeito de si mesma e do mundo que a rodeia.

Foi notícia em todo o Brasil que o livro A Bolsa Amarela de Lygia Bojunga tinha sido alvo de reclamação de pais do Colégio Militar D. Pedro II, no Distrito Federal. Devido a isso, a obra foi recolhida para reavaliação da área pedagógica da instituição.

Nesse contexto, professores e bibliotecários, que atuam na escola com a Infância, poderiam se perguntar:

Como agir diante de uma situação dessa?

Em geral, o professor e o bibliotecário não tomam qualquer decisão sozinhos, mas sim deveriam estar apoiados e ancorados no consenso pedagógico da instituição, de seus objetivos em relação ao disponibilizar a literatura para a formação infantil. Além disso, o profissional – professor e ou bibliotecário – podem contribuir para que a instituição elabore argumentos para dialogar com a comunidade familiar a respeito da obra questionada.

Pais podem reclamar, perguntar, questionar posicionamentos pedagógicos da escola de seus filhos?

Como educadores e bibliotecários escolares, ou seja, mediadores de leitura, a gente compreende que quando isso ocorre, indiretamente, os pais estão dizendo: “Eu quero entender se isso aqui não faz mal para minha filha ou meu filho...? Não é melhor retirar isso da escola? Etc.”

Assim, cabe à instituição escolar dialogar com a família, evidenciado o porquê aquela obra é significativa para a formação da criança e, ainda, retomar trechos da própria obra com os pais, dando-lhes contexto do enredo, levando-os a melhor compreender a mensagem. Nesses tempos de instantaneidade digital, é muito fácil receber uma mensagem incompleta, ou até trecho da obra fora do contexto e que tangencia para interpretação que está além do que história apresenta.

No caso de A Bolsa Amarela, conforme fonte jornalística (G1), os questionamentos foram quanto ao aspecto de que a protagonista da história, Raquel, menina de 10 anos, “queria ser menino” e se isso não seria uma “doutrinação de gênero”.

A história acontece mais ou menos assim. Após criar André, um amigo imaginário, a personagem Raquel começa a escrever bilhetes e depois cartas. Esse amigo é a única pessoa que compreende e respeita a sua decisão de ser escritora.

“Prezado André
Ando querendo bater papo. Mas ninguém tá a fim.
Eles dizem que não têm tempo. Mas ficam vendo televisão. Queria te contar minha vida. Dá pé?”
Um abraço da Raquel.
No outro dia quando eu fui botar o sapato, achei lá dentro a resposta:

Dá.
André.” (2002, p.8)

Como as respostas de André são sempre curtas, Raquel persiste:

“Oi, André!

O pessoal aqui em casa até que se vira: meu pai e minha mãe trabalham, meu irmão tá tirando faculdade, minha irmã mais velha também trabalha, só vejo eles de noite. Mas minha irmã mais moça nem trabalha nem estuda, então toda hora a gente esbarra uma na outra. Sabe o que é que ela diz? Que é ela que manda em mim, vê se pode. Não posso trazer nenhuma colega aqui: ela cisma que criança faz bagunça em casa.” (2002, p.9).

Adiante em diálogo com seu irmão, a personagem Raquel foi questionada por seu irmão seu irmão mais velho o porquê ela cria um amigo e não uma amiga, já que ela também era menina e Raquel responde:

“- Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher.

Ele me olhou bem sério. De repente riu:

- No duro?

- É, sim. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode [...]” (2002, p.12).

Vale destacar que o livro *A Bolsa Amarela* foi lançado em 1976, ou seja, há meio século e já trazia uma menina que questionava o limite que era dado socialmente às mulheres, o que até hoje ainda é luta para reconhecimento de direito iguais entre mulheres e homens, pois ainda vivemos numa sociedade onde há menos liberdade para as mulheres.

Assim, Raquel queria ter os mesmos direitos que os meninos. Aqui propriamente não se refere à questão de orientação de gênero ou sexual, mas acreditamos se tratar de uma condição social desigual à qual a mulher estava submetida.

Raquel é uma menina criada no período militar, período de repressão social, assim, suas vontades e desejos são reprimidos pelo meio familiar e, por conta disso, ela encontra guarida na fantasia, como é próprio do período infantil para dialogar com a realidade que a circunda: coloca tudo no seu “cofre”, ou seja, na bolsa amarela.

E, ainda, é preciso considerar quem é a escritora da obra, o seu reconhecimento não apenas nacional, mas internacional da escrita que faz para as crianças, pois Lygia Bojunga recebeu prêmios pelas suas obras na Dinamarca, na Suécia e na Alemanha. No Brasil, desde 1971 recebeu quatro prêmios e foi condecorada pelo Ministério da Cultura com a Ordem do Mérito Cultural em 2011.

Os conteúdos abordados pela autora são plurais e seus personagens convocam a reflexões a respeito de dores existenciais que, muitas vezes, a criança não consegue expressar e, nesse caso, o desejo de crescer para ter liberdade de ir e vir como os adultos.

Cabe-nos, gestores escolares, professores e bibliotecários, a função complexa de ouvir a família ou comunidade, dialogar, argumentar pedagogicamente a respeito da formação da criança, dos princípios educacionais para a sua formação literária, enfim, tentar levar pais e responsáveis a compreender o porquê da história no compêndio pedagógico da escola.

Acreditamos que essas discussões podem ser conduzidas de forma respeitosa, de acordo com as instâncias profissionais e pedagógicas que permeiam a unidade escolar.

Referências

BOJUNGA, Lygia. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. (Literatura em minha casa/FNDE).

CARAMORI, Iana. Pais reclamam e o colégio militar do DF reavalia uso de referência de menina em tempos de ditadura. G1, Distrito Federal, 25 maio 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2026/05/25/pais-reclamam-e-colegio-militar-do-df-reavalia-uso-de-referencia-a-livro-sobre-aventura-de-menina-em-tempos-de-ditadura.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2026.

LYGIA BOJUNGA

O MELHOR
PRISA A
CRANCA

FN
LJ

A BOLSA AMARELA

AGIR



O encontro não marcado

Uma entrevista. Uma lembrança.
Uma última viagem.

Evandro Valentim



O encontro não marcado
Evandro Valentim

Faro jornalístico? Insight? Cisma? Pouco importa, mas algo me empurrava ao Hospital naquela manhã. Convencer o chefe não foi trivial. Ele argumentou não haver novidades em matérias sobre saúde pública. Insisti: “se eu não conseguir uma boa matéria, perco minha folga”. O olhar “já ganhei” dele dava como certa minha derrota.

Tragédias, carência e abandono não impressionam mais, infelizmente. O sofrimento de quem depende do Estado parece não sensibilizar suficientemente os governantes e políticos. O quadro se replica em qualquer metrópole brasileira. Difícil não escrever sobre isso. Eu acreditava, contudo, não ser essa a razão de eu estar ali. A figura que vi a poucos passos parecia confirmar a suspeita: Jonas Lobo, mais conhecido como Johnny Wolf um dos pioneiros do movimento hippie no Brasil, o nômade coautor de vários sucessos da época, um ícone. Era ele a razão de minhas andanças pela enfermaria daquele hospital. Pouco lhe restou da energia e compleição física de outrora. Apesar do quadro, ele sorria e olhava para o teto. Aproximei-me.

— Bom dia, Johnny Wolf.

— Você me reconheceu...

— Jamais esqueço um rosto. Ainda mais de gente famosa.

Ponto para mim, a vaidade é um calcanhar de Aquiles em celebridades.

— Pouco resta de quem fui. Você é uma excelente fisionomista, parabéns.

Agradei. Conteí ser jornalista e da aposta com meu chefe: “Você me concederia uma entrevista?”. Ele me olhou, mas, certamente, mirava outros momentos e lugares. Concordeu. Iniciamos.

— Seu olhar parecia viajar, para onde você foi?

— Para quando eu tinha a sua idade, vinte anos?

— Vinte e um.

— Tornei-me hippie aos vinte e dois. Faz tempo!

— Saudades?

— Foram momentos inesquecíveis.

— Como Jonas Lobo se tornou Johnny Wolf?

— Eu trabalhava em um grande banco, ganhava muito bem e era dos melhores no que fazia. Mas fui contaminado por Stones, Joplin, Hendrix... queria vento na cara, liberdade. Foi uma porrada na mente. Pensei “é isso que quero para minha vida?”. Não era. Pedi demissão. Colegas, família, amigos... ninguém entendeu. Disseram-me que eu fazia uma grande merda. Minha noiva também me demitiu e rogou praga. Surtiu efeito, olhe para mim — comentou a sorrir.

— Arrependimentos?

— Faria de novo. Com a grana da rescisão comprei minha moto. Virei cigano. Viajei com amigos, conheci o Brasil: norte, sul, leste e oeste. E alguns

países vizinhos. Experimentei tudo, tudo mesmo. Vivi no limite, sem bússola ou destino.

— Frustrações?

— Não ter encontrado a fonte da juventude.

— Só não envelhece quem morre jovem.

— Verdade. Ainda estou aqui, apesar de meu estado. As recordações me acompanham, são antídotos, a ponte que me transporta para longe do hoje.

— Continua poeta. Suas composições ainda tocam bastante. Não ficou rico?

— Doe os direitos a uma instituição de caridade, mas não divulgue isso.

— “Quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita”. Inspiração cristã?

— Sou ateu. Questão prática. Sou o último de minha família.

— Quando o reconheci, antes de lhe falar, você sorria. Dez reais por sua lembrança.

— Eu revia uma viagem à Bolívia, com dois amigos da estrada. A grana perto do fim e a sede a torturar. À beira da rodovia, um ambulante e a placa: “limonada”. Encostamos as motos. A aparência do contêiner com o suco era péssima. Arrisquei. O cara mergulhou o braço e a axila até alcançar a caneca no fundo do contêiner. Ergueu-a com o suco. Horrível! Não deu. Ele despejou a sobra de volta ao recipiente. “Sus amigos quieren?”. Não quiseram. Mesmo assim, pagamos pelo “suco de sovaco”. Rimos muito. Lembrava-me disso quando você chegou. Com os dez reais, por favor, compre um lanche e doe a algum acompanhante da enfermaria. Tem muita gente que precisa. Promete?

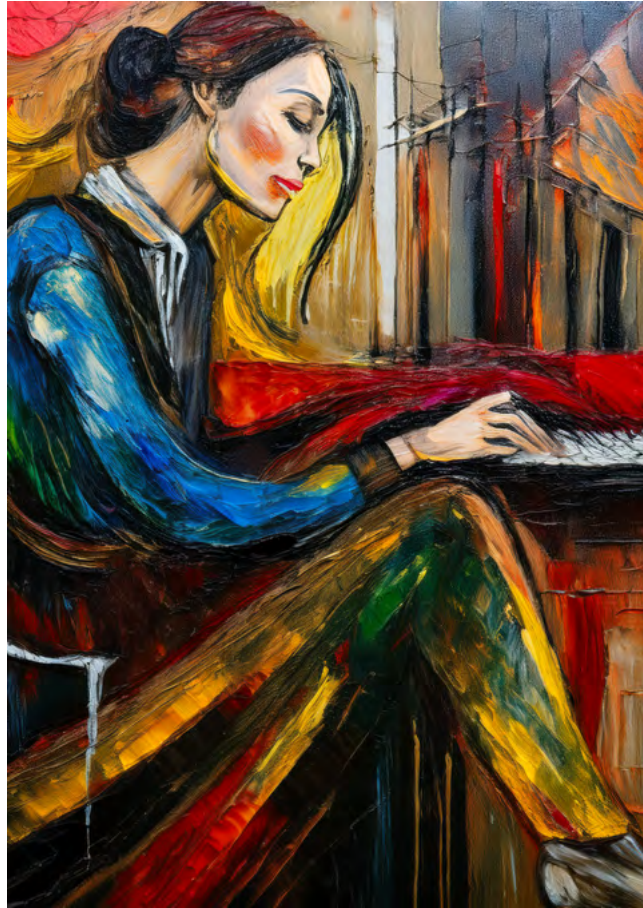
— Prometo. A pergunta que não quer calar, por que você está aqui e nesse estado?

— Sem sentimentalismos, sou o resultado de minhas escolhas. Sei que minha estrada está próxima do fim e aceito com serenidade. Não fosse você, eu partiria como Jonas Lobo e não como Johnny Wolf. Olhe ao redor, temos plateia.

A entrevista revelou o paciente ilustre. Pessoas com celulares se aproximaram para selfies. Qual fênix, Johnny Wolf ressurgia das cinzas. Prolonguei a entrevista até um médico dispersar o público e me convidar a sair: “Ele precisa repousar”, disse-nos. Despedi-me com o sinal de paz e amor, que ele retribuiu sorrindo.

Dias depois, ele faleceu. Creio que lhe conferi a última alegria antes do fatídico instante.

A matéria ficou excelente, capa do Caderno Cultural de domingo. Consegui até inserir algumas alfinetadas sobre como anda a saúde pública em minha cidade e no país. Ah, minha folga foi mantida.



poema para quando você entrar na universidade

quando você entrar na universidade
lembre-se:
vão ter muitas baladinhas
& você vai adorar!
sei, já tive meus vinte e poucos anos
e também já estive dentro de uma universidade
e estarei with you
e serei apaixonado por você 365 dias
quando você entrar na universidade
haverá muitos outros jovens, ricos & bonitos
mas, estarei aqui e vou continuar te amando
sei que às vezes poderá até me ignorar
quando você entrar na universidade
gostaria de cuidar de você
quando você estiver totalmente bêbada
quando você entrar na universidade
lembre-se de que esse garoto
sempre te amará.

Vagner Xavier



Bom dia
Nem se quer me viu
A porta se abre
Um desce
Outro sobe

Semblante
Triste
As pernas já não aguentam mais
Mas, vai de pé
Viagem rápida
Pede licença e, desce

É estranho
Nenhum se conhece
Mas, em minuto uma nova conversa
Você mora aonde?

Sou de São Paulo mesmo
Sou da Bahia, Ceará
Será quê você conhece a minha família?

Trabalha de quê?
E, mais uma conversa
Chegou meu ponto
Até mais
Até nunca mais.

Nome: O passageiro
Poesias Wilson Iório
17 05 2026

A caneca no fogo
O pão assado na panela
Caso me esqueça, hoje, ainda é cedo

As formigas ainda andam pela pia
A palha de aço esquecida no canto, já não serve para mais nada

A energia acabou de madrugada
A água da geladeira escorre pelo canto mas, é assim que começa o meu dia

O cachorro
Vem me abraçar
Abraço curto
Lambida rápida no rosto

É, é assim quê começa mais um dia

Uma dúvida paira na minha cabeça
Tudo parece certo mas, Estou quase sempre pensando em como começar

Sempre existe um começo
Sempre há algo novo
Sempre haverá a tal da...

Incerteza!

É o passado que não me esquece ou, sou eu que, ainda moro lá?

Parece ser mais um dia comum
Entre um pensamento e outro você está lá
Faz parte das minha inquietações

Tudo é estranho quando a conversa é comigo mesmo

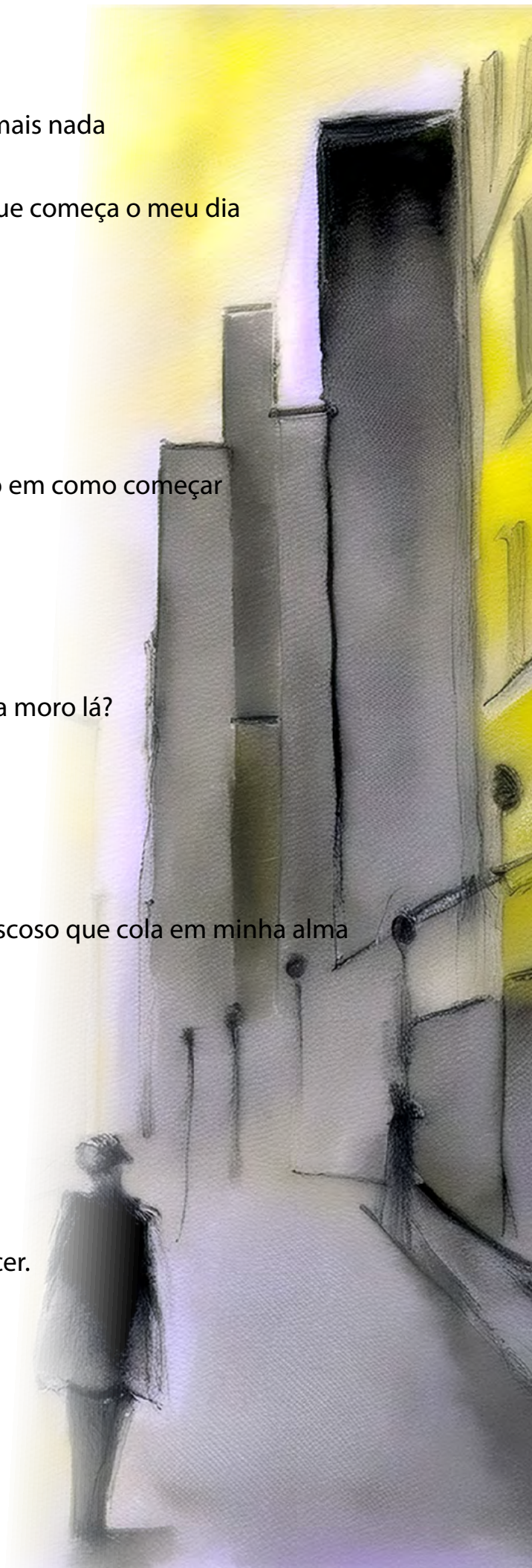
Minhas falhas parecem se concentrar em um néctar viscoso que cola em minha alma

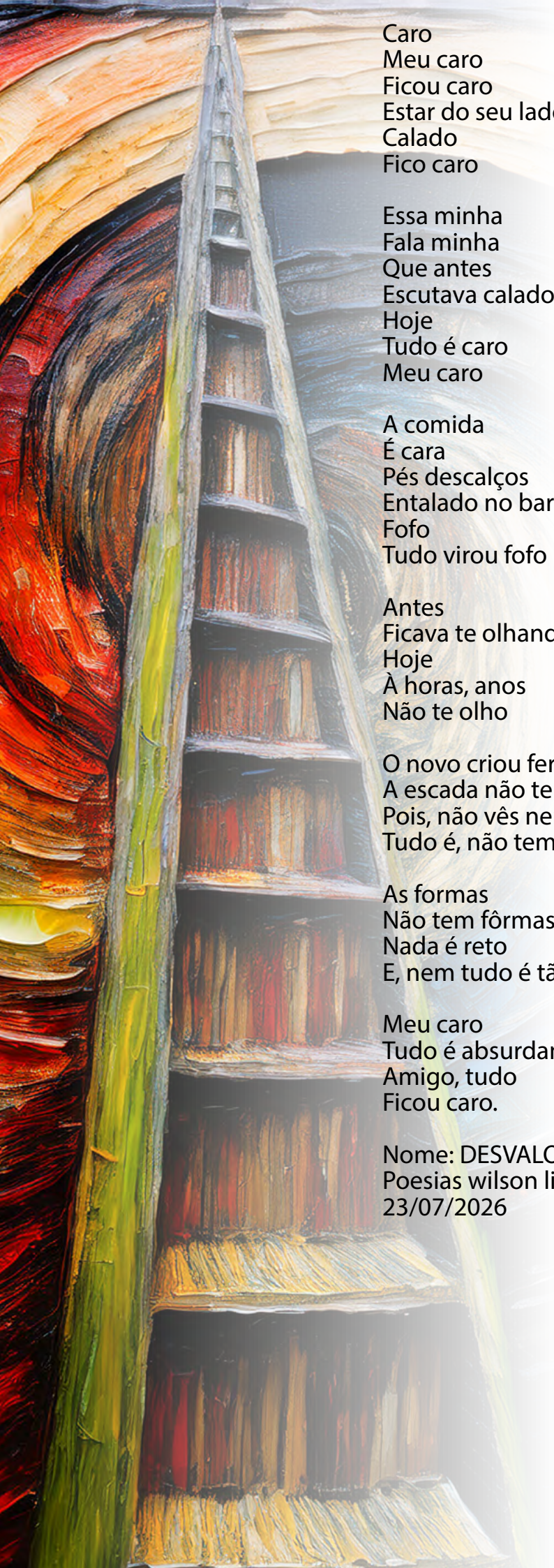
Cada vez mais espero por algo
Será quê estou mesmo só?

É, e assim começa mais um dia
Procuro por você
Ando, falo só, canto só
No canto só

Minhas descobertas
Você não mora lá
Nessa casa vazia onde só eu conheço ou, tento conhecer.
Sou eu e o vazio dessa minha moradia.

Poesias Wilson lilio
Nome: MINHA CHOUPANA
30/06 2026



A painting of a wooden ladder leaning against a wall. To the left of the ladder is a large, abstract, colorful shape with red, orange, and yellow tones, resembling a flame or a large letter 'C'. The ladder is made of light-colored wood and has several rungs. The background is a mix of dark and light colors, suggesting a wall or a sky.

Caro
Meu caro
Ficou caro
Estar do seu lado
Calado
Fico caro

Essa minha
Fala minha
Que antes
Escutava calado
Hoje
Tudo é caro
Meu caro

A comida
É cara
Pés descalços
Entalado no barro
Fofo
Tudo virou fofo

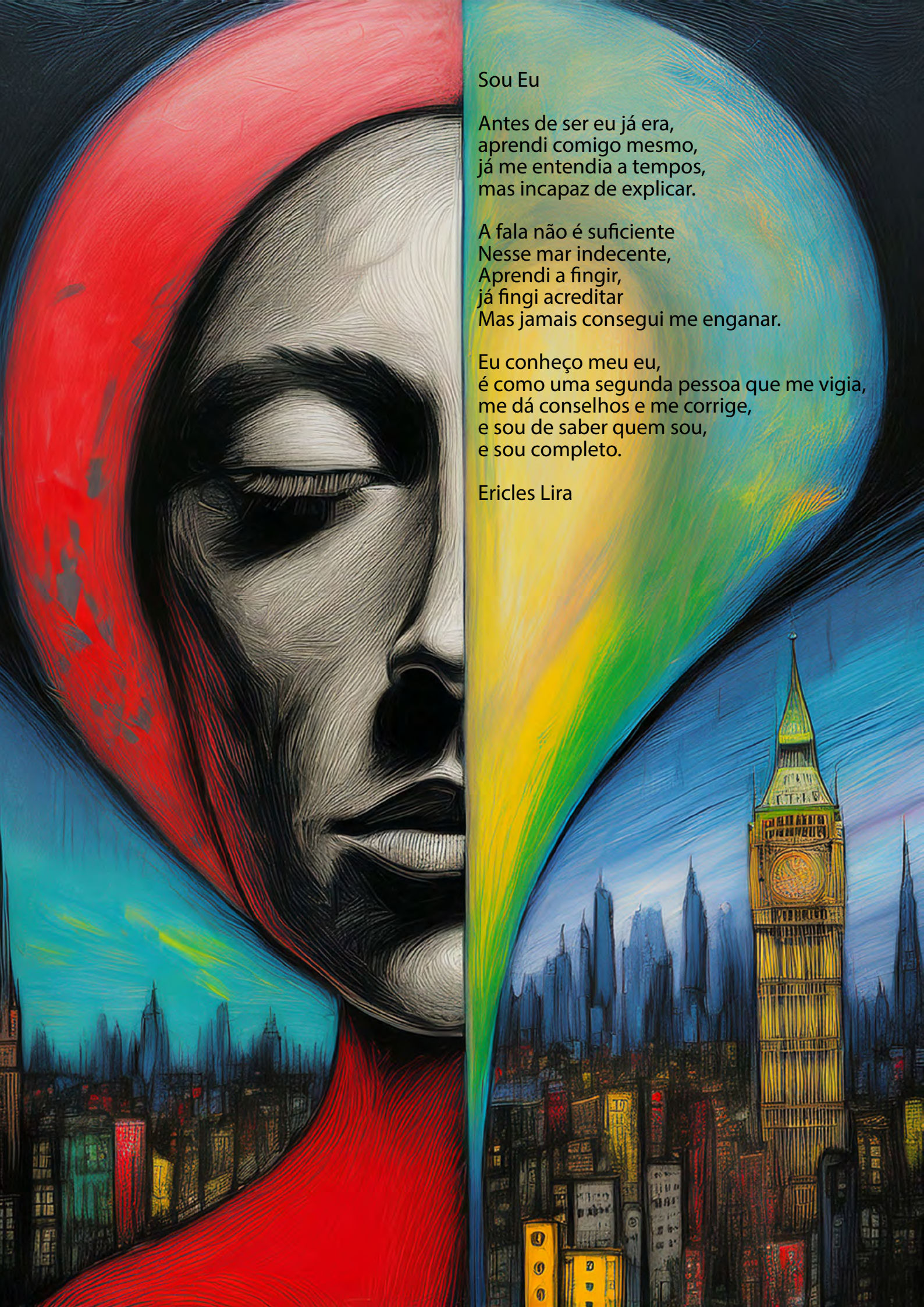
Antes
Ficava te olhando por horas
Hoje
À horas, anos
Não te olho

O novo criou ferrugem
A escada não te cansa
Pois, não vês nenhum sentido em subí-la
Tudo é, não tem sentido

As formas
Não tem fôrmas
Nada é reto
E, nem tudo é tão torto quanto a vossa embriaguez

Meu caro
Tudo é absurdamente caro quando não tens interesse em tê-lo
Amigo, tudo
Ficou caro.

Nome: DESVALOR
Poesias wilson lirio
23/07/2026



Sou Eu

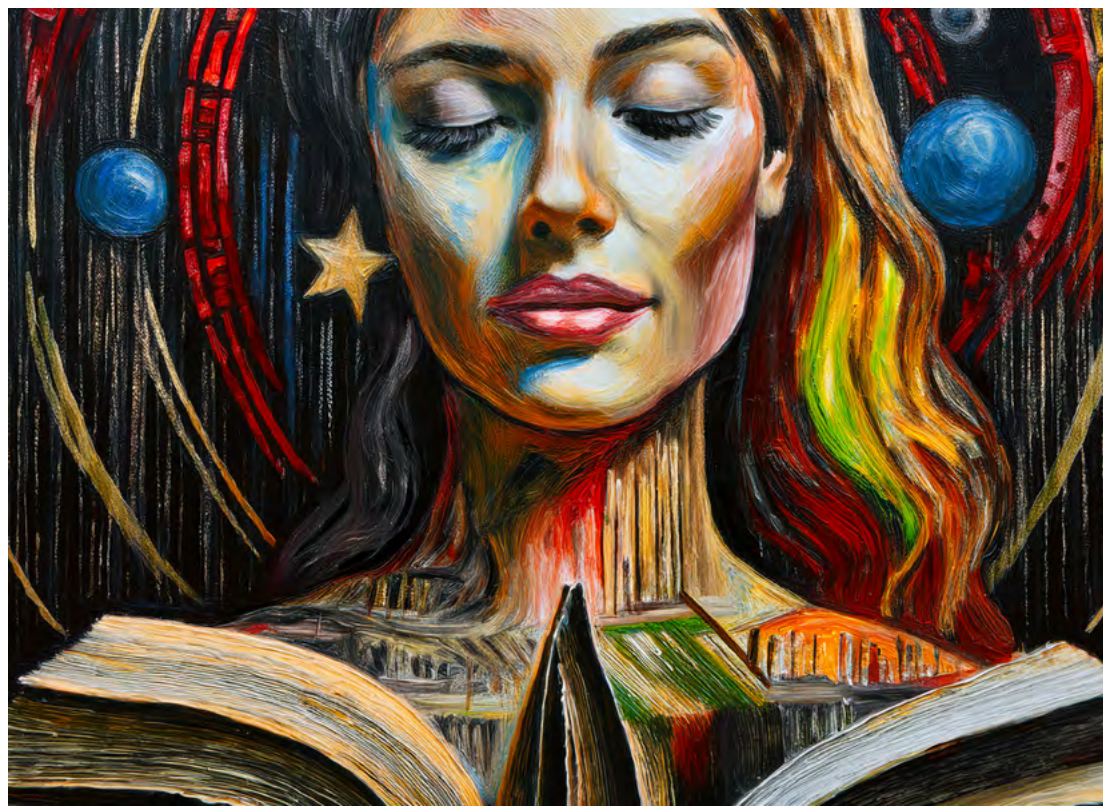
Antes de ser eu já era,
aprendi comigo mesmo,
já me entendia a tempos,
mas incapaz de explicar.

A fala não é suficiente
Nesse mar indecente,
Aprendi a fingir,
já fingi acreditar
Mas jamais consegui me enganar.

Eu conheço meu eu,
é como uma segunda pessoa que me vigia,
me dá conselhos e me corrige,
e sou de saber quem sou,
e sou completo.

Ericles Lira

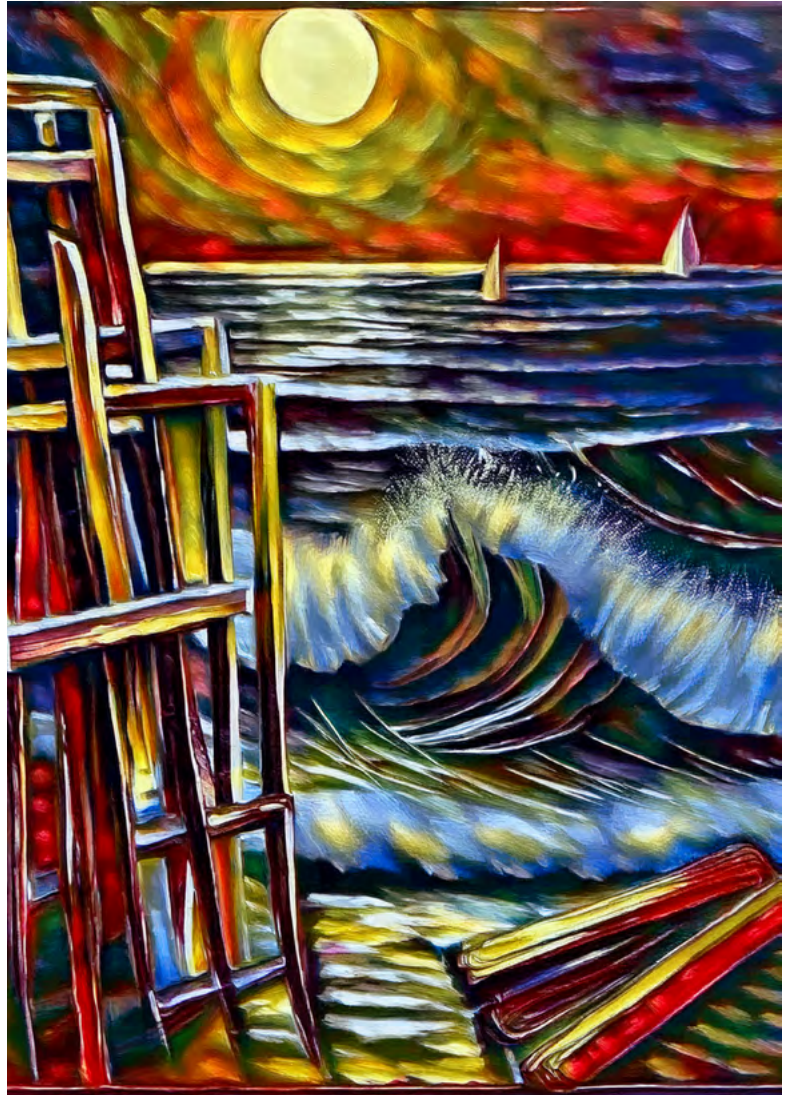
A Bruxa de Pachamama
Caem sobre os ombros
rubros encaracolados,
jovem bruxa
de sonhos aprisionados.
Afunda suas mãos na Terra
buscando sua energia.
Agradece a Grande Deusa,
o dom da magia.
vestido musgo serpenteia
ritual da primavera
com pétalas de flores
em estado de quimera.
A bruxa, jovem por acaso,
termina seu encanto
mirando a Lua
em pleno canto.
Era uma jovem bruxa
mulher se tornou
e logo como sábia,
para Pachamama, voltou.
Fábio Aiolfi

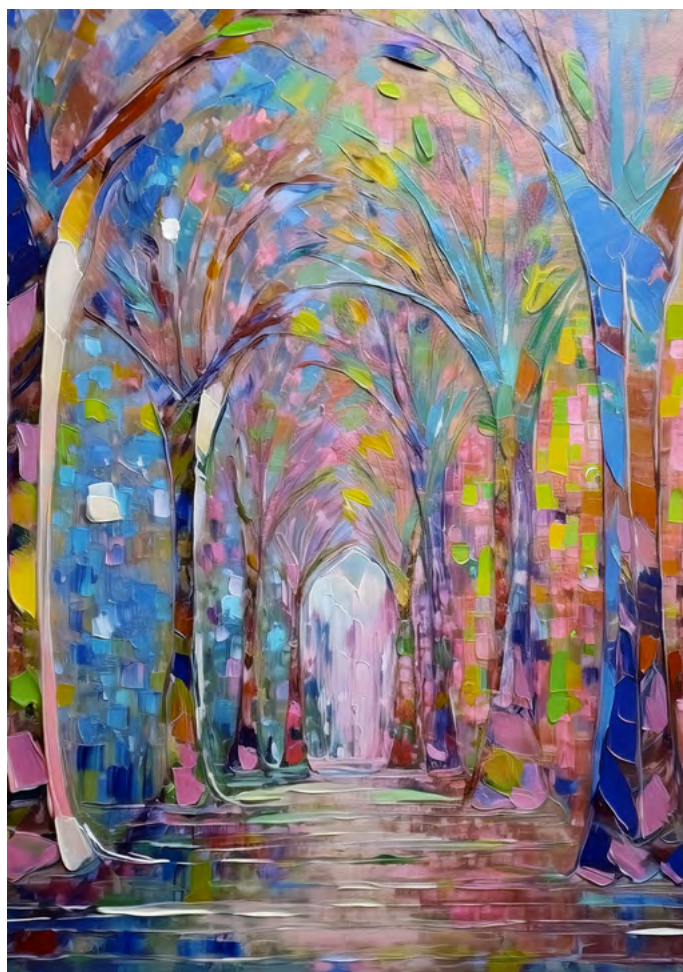


Poesia Marginal

Vislumbro as margens,
As ondas que vem
que vão.
Lá, onde todos estão.
Não sou todos!
Estou na marginal
estrada que desvia
do lugar que me pariu.
Marginal do acaso,
tripulante inverso.
Encontro informe
conforme nu espaço,
da concha de Vênus.

Fábio Aiolfi





folhas caem nos trilhos
folhas caem
nos trilhos
do trem da vida
pede passagem
quando não se vê
se vai

Fábio Aiolfi

Fábio Aiolfi é brasileiro e atua como ator, escritor e contador de histórias. Já publicou 15 livros, entre romances, peças teatrais e poesias, que representam grande parte de sua produção. No teatro, participou de mais de 20 espetáculos, com apresentações em diversas capitais do Brasil. Atualmente, dedica-se ao seu canal no YouTube, Andarilho Capixaba.
<https://www.youtube.com/@AndarilhoCapixaba>

Te esperar me faz feliz

O dia começa de mansinho
Dentre de mim já sinto
A felicidade do seu sorriso

Quando chega meus olhos brilham
Vejo em sua face um amigo
Você transformou meu caminho
Agora tua presença é amor contínuo

Carrego na minha alma a infância
Antes casulo, agora cores e vida
Borboletas voando em nossa direção
Corremos rápidos na batida do coração

O mundo se torna horizonte
Onde tudo é possível e o amor cresce
Onde o simples é essencial e basta
Onde tudo me completa e agrada.

Aforismo da Alma

Vida de poeta
Versos do dia, da noite
Do mundo em linhas

Escrita que voa
Coração em coração
Um livro nas mãos

No papel em branco
Os sentimentos em rima
Nas linhas escritas

Num véu de nuances
Feito plumas no ar — livres
Tocam nossa alma

Quem dera mais rima
Amor para toda vida
Se não der, poesia

Respostas imediatas

Vivemos na era digital
Onde tudo parece proposital
Deveras artificial

Quero falar devagar
Contemplar
Ouvir e sentir

Chega de respostas imediatas
Cobranças desnecessárias
Tristeza sem fim

Que viver para mim
Passar o dia livre
Olhar as belezas sem clicks

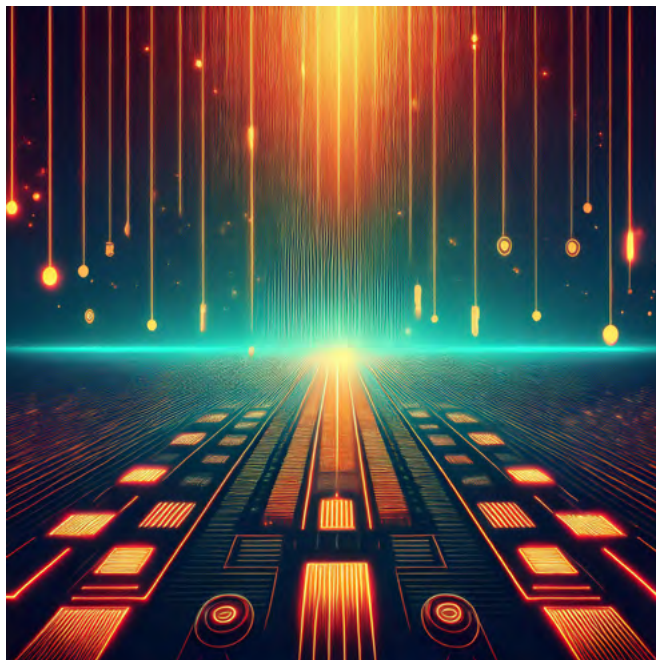
Respirar o cheiro das flores
Poder contar as minhas dores
Viver a contemplação...

Escrever a mão
Sentir a emoção
Escutar o coração

Vou ser feliz e continuar
A escrever nas linhas da vida
Minhas palavras serão ditas
O sim será para mim!



Silvana Silveira Fernandes, paranaense, poeta, escritora e advogada, pós-graduada pela Escola da Magistratura do Paraná (EMAP). Casada e mãe. Com sete livros publicados: Um romance em Marselha, 2024, Editora Proverbo; 2025: Sauí, o mico-leão-dourado, A casa do João-de-Barro, Editora Frutificando; Lumina – Amálgama Essência, Vinca Literária Editora; Poética Letra – Poemas e Versos, Kotter Editorial; 2026: Aimé, a amizade com o Urso Negro, Filos Editora; Entre rios, estradas e mares, Editora Brunsmarck. Escreve contos, poemas e romance, com textos veiculados em revistas literárias nacionais e internacionais: Ruído Manifesto, The Bard, D-Arte Londrina, Navalhista. Colunista da Revista Animalista. Faz parte da Confraria Ciranda Poetrix. @silvanesilfernandes



É algoritmo que decide
quem aparece e quem some,
é manchete que escolhe
quem é herói e quem é nome.

É o sonho parcelado,
em doze vezes sem saída,
enquanto o tempo é confiscado
no aluguel da própria vida.

Mas há sempre uma falha no sistema:
o incômodo que não se cala,
o verso que vira problema,
a consciência que estala.

É quando o código trava,
quando a dúvida vira ação,
quando a farsa já não basta
pra segurar a visão.

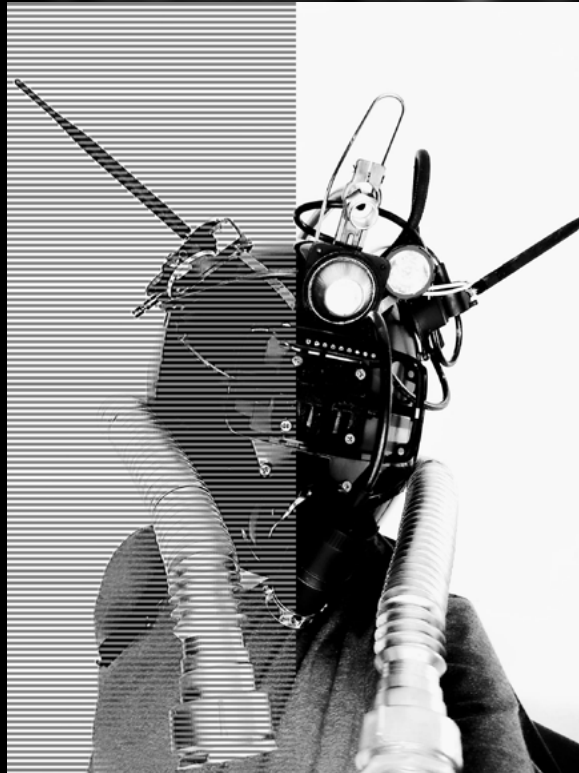
Então o mundo treme um pouco —
não por força, nem por fé —
mas porque alguém, mesmo louco,
resolveu tirar o pé.

Wilson Inacio

Brazilian Contemporary Art



PRÓXIMA EDIÇÃO



#41

dartelondrina@gmail.com
insta @dartelondrina

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Pensamento Livre